

ROSANGELA PIRES DE OLIVEIRA

UM CAMINHO COMO-UM
Superando a Cultura da Competição

Rio de Janeiro
2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PEDAGOGIA
TURMA 2005-2
Rosângela Pires de Oliveira

UM CAMINHO COMO-UM
Superando a Cultura da Competição

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia, orientado pela professora Antônia Píncano.

Rio de Janeiro
2005

UM CAMINHO COMO-UM
Superando a Cultura da Competição

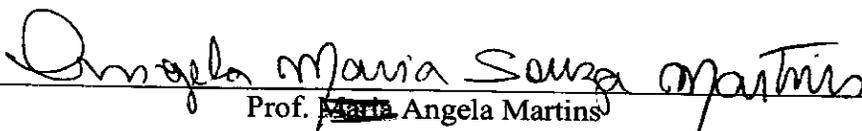
Monografia de Conclusão de Curso
apresentada ao Curso de Pedagogia
da Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, como requisito
parcial para a obtenção do Grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Antônica Pincano – Orientadora

Prof. Ligia Martha C. C. Coelho


Prof. ~~Marta~~ Angela Martins

Rio de Janeiro
2005

DEDICATÓRIA

AO MEU “VELHO” PELO CONSTANTE CARINHO E
TORCIDA

A MINHA MÃE (*IN MEMORIAN*)

AO MEU AMADO FILHO RAFAEL, POR ESPERAR-
ME PACIENTEMENTE

A MINHA EX-PROFESSORA ISOLINA GONÇALVES,
POR TER ABERTO UM CAMINHO DE
POSSIBILIDADES PARA MIM

AGRADECIMENTOS

À PROFESSORA TUNICA PÍNCANO, MINHA
ORIENTADORA, PELA PACIÊNCIA E POR SEMPRE
AJUDAR-ME A ENCONTRAR A PALAVRA EXATA
AOS COLEGAS DAMIÃO LUIS E FERNANDO FELIPE
E AO PROF. LUIZ EDUARDO, DO NUPEC, PELO
CONSTANTE APOIO E AMIZADE
AO JOÃO PAULO, MEU AMIGO, MEU REVISOR
PREFERIDO, A QUEM AMAREI PARA SEMPRE

RESUMO

OLIVEIRA, R. P. de. Um caminho Como-um. Superando a cultura da competição. 2005. 59 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

A cultura ocidental é caracterizada pela competição, que justifica as formas pelas quais os seres humanos tecem suas relações e é viabilizada pelo individualismo, pois cada um é responsável por si mesmo e por suas ações, visando seu próprio objetivo. Desde os anos iniciais da educação o individualismo e a competição são incentivados. As mídias veiculam mensagens que estimulam a competição, o consumismo, o individualismo e o “salve-se quem puder.”, encontrando respaldo principalmente na teoria evolucionista de Darwin, cuja aceitação inquestionável impossibilita neutralizar ou reverter o que já se tornou, na visão de muitos, uma competição predatória. Entretanto, autores há que demonstram que a cooperação – não a competição – teria sido o comportamento fundamental dos seres humanos primitivos que lhes permitiu a sobrevivência e deveria tornar-se – ou voltar a ser – o princípio a permear as relações dos seres humanos entre si e destes com a natureza. Para isto, seria necessário resgatar o amor como emoção fundamental, na qual centra-se o prazer da convivência, da aceitação do outro junto a si. No presente cenário, acredita-se que os educadores têm que fazer uma opção consciente quanto à transformação social. É necessário que estejam dispostos a perceber as possibilidades coletivas de ação social e cultural, a propor alternativas, não se limitando à observação passiva. Revela-se principalmente a responsabilidade daqueles que atuam com as crianças, pois têm a possibilidade de estender a vivência de seus pequenos alunos em total aceitação, em inclusão, em respeito mútuo, em cooperação, enfim.

Palavras-chave: Cooperação; Competição; Amor; Conversação; “Linguajear”; Emocionar; Educação; Transformação Social; (H. Maturana; M. Abdalla; P. Freire; A. Ponce; T. Malthus; C. Darwin; M. Porter.) ?

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	COMPETIÇÃO – UMA MARCA DOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS	13
2.1	O que é competição?	13
2.2	O que caracteriza a competição nas relações humanas?	15
2.3	Quando e por que começamos a competir?.....	17
2.4	Em que setores da vida humana podemos verificar a competição?	25
3	COOPERAÇÃO – A CONVERSÃO DESEJADA	32
3.1	O que é cooperação?	32
3.2	O que caracteriza a competição nas relações humanas?	33
3.3	Em que setores da vida humana podemos verificar a cooperação?	45
4	TRANSFORMAÇÃO SOCIAL BASEADA EM “NOVA RACIONALIDADE”: POSSIBILIDADE OU UTOPIA?	47
4.1	O papel do educador na transformação social	50
5	CONCLUSÃO	54
	BIBLIOGRAFIA	58

1 INTRODUÇÃO

Em junho de 2000, após ter lido pela primeira vez *Pedagogia do Oprimido*, encontrei em Paulo Freire aquele que me ensinaria muitas palavras com as quais passaria a expressar minhas idéias sobre educação. Agora, ao preparar este trabalho final para a graduação, percebo que “minhas idéias” encontram respaldo em outros autores, com os quais aprendo ainda novas palavras que confirmam meu direito ao sonho. Um “sonho para frente”¹ de que um dia, em um futuro próximo, aqueles que trabalham no espaço da educação pela reversão da ideologia fatalista que ora permeia as relações sociais, possam levantar a bandeira de uma nova proposta educacional, que não esteja a serviço do mercado, cujo objetivo principal é o lucro, em detrimento da humanização do homem. Uma proposta que, como o livro *Pedagogia da Autonomia*, também de Freire, seja “um decisivo não a esta ideologia que nos nega e amesquinha como gente.” (1996, p. 22).

Quando iniciei as pesquisas para este trabalho, encontrei o site projetooperacao.com.br² e nele o artigo *Inclusão na Cooperação*, de Rodolpho Martins, em que o autor relatava sua participação em um seminário promovido pela Votorantim Celulose e Papel em parceria com o Instituto 5 Elementos, com o tema “Recursos Naturais”, realizado na cidade de Guararema/SP. Ao propor uma dança circular chamada Menoussis no início do seminário, Martins deparou-se com a dificuldade física de uma das participantes. Disposto a usar a circunstância para levar o grupo a entender a importância da cooperação, o autor desafiou-o a encontrar um modo cooperativo e criativo para que todos, sem exceção, pudessem compartilhar aquele momento, encontrando “o ‘jeito do grupo’ para dançar

¹ A expressão “sonho para frente” é utilizada por Boff na Apresentação do livro *O Princípio da Cooperação. Em busca de uma nova racionalidade*, de Maurício Abdalla.

² MARTINS, Rodolpho. **Inclusão na Cooperação**. Disponível em: <<http://www.projetooperacao.com.br>>. Acesso em: 24/04/2005.

Menoussis.” O autor do artigo “brinca” com a grafia das palavras – re-saltar, des-cobrir, re-crear, com-partilhar, como-um – buscando re-significá-las.

Um caminho Como-um – mais do que um caminho comum pelo qual muitos possam passar. Um caminho a ser trilhado em cooperação, em unidade – como-um. Esta passou a ser a idéia central deste trabalho. Um caminho Como-um não poderia admitir hierarquias, teria de fundamentar-se, necessariamente, no princípio da cooperação e não no da competição e, muito menos, no individualismo. Mas onde encontrar fundamentação teórica para uma idéia tão... Extravagante? Ingênua? Seria possível admiti-la nos dias de hoje?

Um caminho Como-um. A expressão de Martins mostrou-se tão significativa, tão vinculada à argumentação apresentada neste trabalho que resolvi tomá-la emprestada para o seu título.

Embalada pelo entusiasmo de novas descobertas e com um desejo enorme de assumir eticamente minha responsabilidade ao mover-me no mundo, apresento aqui o resultado de uma pesquisa bibliográfica que me leva a crer em outras possibilidades para a educação, sob o olhar da cooperação em oposição ao olhar da competição, que é tratada como se tivesse sido sempre o comportamento característico dos seres humanos e que hoje, mais do que nunca, atende às demandas do mercado, deixando de fora tantos quantos ficam à mercê do fim da História, sem tempo de possibilidade e sujeitos a um futuro inexorável (FREIRE, 1996).

Neste contexto, o homem contemporâneo parece cumprir uma vocação de autodestruição e não de vida e cada vez mais se percebe “que não podemos continuar nesse caminho, pois nos levará a um abismo.” (BOFF in ABDALLA, 2004, p. 13).

Por crer firmemente que é possível reverter o processo de autodestruição para o qual encaminham-se os seres humanos pela via da competição, fui buscar a fundamentação teórica necessária para este trabalho em autores que sustentam que “O respeito mútuo, não a negação suspensa da tolerância ou da competição oculta, deve ter sido o seu modo cotidiano [a de

nossos ancestrais] de coexistência, nas múltiplas tarefas envolvidas na vida da comunidade.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 41).

Como se observará adiante, na visão de autores como Maturana e Abdalla a cooperação já existia nas sociedades primitivas. Portanto, talvez se possa falar em uma “conversão” a uma racionalidade possível (porque já experimentada pelo ser humano), não de uma maneira nostálgica ou ingênua, mas com olhos bem postos sobre as condições que poderão culminar com a destruição do ser humano caso nada seja feito para superá-las. Uma “conversão” que signifique o “reencontro com a essência antropológica do humano, perdida pelas conformações históricas fundamentadas na exploração.” (ABDALLA, 2004, p. 102)

[...] quando nos falta uma outra racionalidade, vemos o mundo sob o prisma da racionalidade burguesa [...] e nossa ação cotidiana acaba reproduzindo todas as relações dela originárias. [...] Assim se relacionam homens e mulheres entre si. [...] E assim, justamente assim, vai-se destruindo toda a humanidade. (Ibidem, p. 60)

Acredito que, para evoluir do atual estado de coisas, faz-se necessária uma mudança de atitude, que substitua o enfoque competitivo pelo cooperativo desde os primeiros anos escolares, proporcionando um novo emocional, ou seja, uma nova maneira de vivenciar as emoções que, entrelaçada com um novo “linguajear”, conduza a uma nova conversa: a conversa da cooperação.

Mas, que noções substituiriam as anteriores? Que princípios fundamentariam essa possível “nova racionalidade”? E quando se começaria a introduzi-los na vida? Onde? De quem seria a responsabilidade? Qual seria o papel do professor-educador e, portanto, da escola, neste processo? E aonde se desejaria chegar com esta revolução?

Revolução sim, porque, de que adiantaria abandonar os comportamentos próprios de nossos tempos, justificados pela “racionalidade burguesa”, se não se pudesse provocar no mínimo uma grande revolução? Uma revolução que nos conduzisse a um caminho Como- Um.

Sabe-se que ao redigir uma monografia o autor tem que ater-se a vários aspectos relacionados com a coerência e coesão do texto, a precisa escolha da palavra, que não deve comprometer a argumentação, criando incoerências, sugerindo contradições ou dando margem a más interpretações. Há ainda a questão do estilo, pois o autor não deve esquecer que seu trabalho pretende ter o rótulo de qualidade da abordagem científica.

Ao redigir esta monografia, imaginei uma conversa entre os diversos autores que “convidei”. Esta conversa, a construí tendo em mente as palavras de Maturana, que nortearam meu trabalho: “nós, humanos, existimos na linguagem, [...] todo o ser e todos os afazeres humanos ocorrem, portanto, no conversar – que é o resultado do entrelaçamento do emocionar com o linguajar.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p.10), bem como as de Verden-Zöller:

A atenção aos desejos e necessidades do outro destrói a autoridade (domínio) e cria a amizade (companhia). Quando isso ocorre, a obediência é substituída pela cooperação e a luta se transforma em aceitação e respeito mútuos na coexistência. (VERDEN-ZÖLLER in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 127)

Sentados em círculo, pedi que falassem sobre a cooperação e sobre a competição, a partir de suas experiências, de suas conversas com outros autores, a partir de suas respectivas ciências. Pedi-lhes que tecessem, ao mesmo tempo, uma rede com a trama mais fechada que pudessem, dando a cada autor um fio.

Observando-os, notei que, depois de algum tempo, os defensores da competição já prescindiam do apoio uns dos outros, recusavam-se a compartilhar suas conclusões e a reconhecer o crédito de algumas idéias a seus verdadeiros donos. Às vezes, simplesmente afirmavam que sua própria compreensão do mundo era a melhor, e suas previsões para as relações humanas, inexoráveis. Irredutíveis, desejavam usar apenas seu fio para aquela rede que eu lhes havia solicitado inicialmente.

Por outro lado, os defensores da cooperação, embora oferecessem seus fios o tempo todo para a confecção da rede, obviamente frustravam-se pois a trama não resultava tão apertada quanto o desejado.

Notei também, de repente, que o círculo que havia formado inicialmente para esta conversa estava todo deformado. Os que desejavam cooperação mantinham-se mais ou menos em suas posições originais, entendendo que isso era necessário para a confecção da rede. Os que defendiam a competição, entretanto, ou haviam movido seus assentos mais para o centro do círculo, ou para fora, afastando-se do resto do grupo. Aqueles que se haviam movido mais para o centro pareciam querer enfrentar os outros com agressividade, vencê-los pela força. Os mais afastados pareciam desprezar, do alto de sua importância, os demais.

Curiosamente, após certo tempo notei ainda que alguns dos defensores da cooperação haviam encontrado uma espécie de alternativa de meio termo: cooperando entre si, passaram a competir contra os demais. Efetivamente, a parte da rede que confeccionavam com seus fios ia se definindo – mas apenas aquela parte –, com a trama não tão fechada como eu havia desejado inicialmente, porque para isso seria necessária a cooperação de todos.

Pouco a pouco, a confecção da rede que eu a havia imaginado se inviabilizou. O tema proposto para aquela conversa era polêmico demais, envolvia interesses demais, e a conversa mesma não pôde prosseguir por uma razão simples: o emocional que a permeava não era o amor.

Ora concordando, ora discordando do que ouvia, fui tirando minhas próprias conclusões, percebendo a necessidade urgente da configuração de um novo emocional. E isso gerou a pergunta fundamental deste trabalho: Seria possível, através da atitude cooperativa no âmbito da educação formal, criar condições para a configuração de um novo emocional que gerasse conversações sobre a cooperação – e finalmente a conservasse – como modo de vida humano?

O que se pretende aqui é refletir sobre nosso comportamento, nossas atitudes, nosso modo de vida como seres humanos, e mais particularmente como educadores, pois também nós temos permitido, em nossa prática cotidiana, que os princípios da competição e do individualismo permeiem nossas relações. Afinal, todos nós contribuimos para que nosso mundo seja o que é mas, com nossa faculdade de refletir conscientemente e nossa natural tendência a viver em cooperação – contrariamente ao que nos quer fazer crer o sistema que dá sustento à nossa cultura patriarcal – podemos buscar um caminho Como-Um que nos permita a superação desta cultura por outra em que possamos nos aceitar e respeitar mutuamente.

2 COMPETIÇÃO – UMA MARCA DOS TEMPOS CONTEMPORÂNEOS

2.1 O QUE É COMPETIÇÃO?

Naturalmente podem-se encontrar várias definições para o termo *competição* e outros a ele relacionados, como *competitividade*, *concorrência*, etc. Destacam-se algumas definições diretamente relacionadas à linha de argumentação deste trabalho. O Novo Dicionário de Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975, p. 354), por exemplo, nos dá a seguinte definição para *competição*:

Competição. [Do lat. *competitione*.] *S. f.* 1. Ato ou efeito de competir. 2. Busca simultânea, por dois ou mais indivíduos, de uma vantagem, uma vitória, um prêmio, etc. 3. Luta, desafio, disputa, rivalidade. 4. *Biol. Ger.* Luta dos seres vivos pela sobrevivência, especialmente quando são escassos os elementos necessários à vida entre os componentes de uma comunidade.

Já no *site* português PRIBERAM³, *competição* traz ainda a idéia de concorrência, antagonismo e emulação. Este último termo, segundo o Aurélio, significa “**sentimento** que nos incita a igualar ou superar outrem” e “rivalidade que leva alguém a, **abusando** de seu direito, recorrer à justiça, **só com o fim de satisfazer sentimentos inferiores e infligir vexames a outrem**”. (FERREIRA, 1975, p. 518, grifo nosso).

Uma definição para o termo a partir do idioma inglês encontrada no *site* <http://dictionary.reference.com>⁴, além de ratificar as definições encontradas nos dicionários de língua portuguesa, traz o significado relacionado com o sistema capitalista, como já é habitualmente compreendido e utilizado: “Rivalry between two or more businesses striving

³ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx>> Acesso em: 03/09/2005.

⁴ Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/search?q=competition>> Acesso em 17/04/2005

for the same customer or market”⁵⁶. Traz também a definição relacionada à Biologia e à Ecologia: “The simultaneous demand by two or more organisms for limited environmental resources, such as nutrients, living space, or light”.⁷ E ainda: “The process by which the activity or presence of one substance interferes with or suppresses the activity of another substance with similar affinities, as of antigens.”⁸

Para Abdalla, a competição – ou “troca competitiva” – é um dos princípios da racionalidade dominante – “a racionalidade burguesa”. Mais que isso, é o eixo central desta racionalidade, pelo qual se compreendem

[...] todos os fenômenos do mundo cotidiano [...] em sua essência, como componentes de uma estrutura lógica mercantilista. A troca competitiva (que fundamenta o mercado) deixou de ser um resultado de relações entre pessoas para ser um princípio nomológico⁹, com o mesmo status da gravitação na física newtoniana. Nada é possível pensar fora desse referencial fundamental. (ABDALLA, 2004, p. 53)

Abdalla usa o termo “burguesia” como “nome de uma classe social histórica que protagonizou a derrocada do mundo feudal e nobiliário, impondo sua forma de economia e conquistando a hegemonia na sociedade mundial”, vinculando-o “à racionalidade construída por esta classe, sem que isso indique (a priori) um juízo de valor e, muito menos, uma simplificação das intrincadas relações de classes no mundo atual.” (Ibidem, p. 51 – Nota de Rodapé).

⁵ Todas as traduções de citações em inglês e/ou espanhol foram feitas pela autora (em itálico nas Notas).

⁶ *rivalidade entre duas ou mais empresas lutando pelo mesmo cliente ou mercado.*

⁷ *A demanda simultânea por dois ou mais organismos por recursos ambientais limitados, tais como nutrientes, espaço para viver ou luz.*

⁸ *O processo pelo qual a atividade ou presença de uma substância interfere com ou suprime a atividade de outra substância com afinidades similares, como dos antígenos.*

⁹ Nomologia: Cf. Dicionário da Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: *Estudo das leis que presidem aos fenômenos naturais.*

Apesar deste esclarecimento do autor, e sem pretender simplificar “as intrincadas relações de classes no mundo atual”, o juízo de valor torna-se inevitável se lembrarmos que esta classe – a burguesia – desde sua origem viveu e fortaleceu-se a partir da exploração que caracterizavam o comércio e as atividades bancárias por ela praticados, cujo fito era o lucro. A fim de garantir o atendimento de seus próprios interesses, esta classe convoca camponeses e população pobre das cidades de então para uma aliança contra a nobreza e para a derrocada da monarquia, com o surgimento de um novo regime político que permite à burguesia sua desejada ascensão e estabelecimento como classe hegemônica. Porém, logo se torna evidente que o ocorrido foi apenas uma troca de poder que não beneficiou efetivamente à maioria.

Já Maturana (in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004) entende que o modo de vida humano atual é característico de nossa cultura patriarcal européia, que resultou das mudanças nas conversações ocorridas devido a circunstâncias específicas que a cultura anterior (“matrística”) teve de enfrentar. A cultura patriarcal da qual fazemos parte é caracterizada pela hierarquia e pelo desejo de controle e domínio, elementos que justificam a competição.

Como se pode notar, as definições encontradas para o termo “competição” estão impregnadas desta “racionalidade” identificada por Abdalla.

2.2 O QUE CARACTERIZA A COMPETIÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS?

As ações orientadas pela competitividade tendem a ser individualistas e individualizadas. Ao competir, cada um é responsável por si mesmo e por suas próprias ações, visando, em última instância, seu próprio objetivo. Mesmo nas atividades de grupo, que pressupõem cooperação entre seus membros, o objetivo final é a superação do grupo

opositor. Cada grupo torna-se um “indivíduo” e tenta conquistar o espaço do outro, ao invés de compartilharem ambos um espaço maior. Sobre isto, diz-nos BEHNCKE:

[...] se nos exhorta a que realicemos una quimérica unidad (¿en nombre de qué?) que las más de las veces sólo es efectiva cuando se trata no de realizar una efectiva convivencia comunitaria, sino de realizar una alianza ideológica que tiene por objetivo utilizar nuestros impulsos altruistas y de formación grupal, para arrojarnos contra otros grupos humanos unidos de la misma manera pero bajo banderas diferentes[...] sin que pensemos jamás que tal vez, el proceso de aprendizaje social es una sola malla apretada de relaciones humanas, en la que nuestros propios actos están contribuyendo constantemente a aumentar la polarización y la divergencia social, cavando con ello nuestro propio abismo, aún cuando estemos creyendo que luchamos por la noble causa de ‘la verdad’ y que el otro, en su ceguera intencional, no puede ni quiere reconocerla como tal (BEHNCKE in MATURANA; VARELA, 2005, p. X)¹⁰

Por conta da exacerbada competição em nossos dias, há uma tensão que permeia todas as relações humanas, pois todas acontecem dentro da “racionalidade” identificada por Abdalla. Obviamente, esta tensão ocorre porque todos estão mais ou menos envolvidos em obter seu próprio ganho. Não raro, mesmo dentro das famílias isto pode se notar, na competição entre marido e mulher – que não deixa de refletir a competição mais genérica entre homem e mulher –, entre pais e filhos e entre irmãos. Mesmo nas famílias mais unidas, poderá haver uma circunstância em que a moral individualizante e competitiva de nossos tempos se deixe perceber em atitudes de algum membro da família que esteja buscando seus próprios interesses. De acordo com Maturana e Verden-Zöllner (2004), poderíamos dizer que tal situação ocorreria porque as conversações dentro daquela família teriam deixado de acontecer dentro do domínio de ações do amor.

¹⁰ [...] somos exortados a realizar uma quimérica unidade (em nome de que?) que na maioria das vezes só é efetiva quando se trata não de realizar uma efetiva convivência comunitária, mas de realizar uma aliança ideológica que tem por objetivo utilizar nossos impulsos altruistas e de formação grupal, para lançarmo-nos contra outros grupos humanos unidos da mesma maneira, porém sob bandeiras diferentes[...] sem que jamais pensemos que talvez o processo de aprendizagem social é uma única malha apertada de relações humanas, nas quais nossos próprios atos estão contribuindo constantemente para aumentar a polarização e a divergência social, cavando com isso nosso próprio abismo, mesmo quando cremos que estamos lutando pela nobre causa da ‘verdade’ e que o outro, em sua cegueira intencional, não pode nem quer reconhecê-la como tal.

Para que a competitividade se apresente nas relações sociais de maneira tão vigorosa, ela precisa fazer-se acompanhar de uma outra característica – ou “princípio”, conforme Abdalla (2004): o individualismo. É ele que permite que os seres humanos compitam entre si de maneira tão intensa, às vezes até inescrupulosa.

O individualismo é um atentado contra a essência do ser humano, pois é justamente o fato de ser um “ser social” o que o distingue de outros animais e o torna humano. Um “indivíduo” isolado da sociedade não pode se humanizar. Entretanto, dentro da “racionalidade burguesa”, desde os anos iniciais da educação o individualismo é incentivado, em um processo que se dá ao mesmo tempo que as mídias veiculam todo tipo de mensagem que estimula a competição, o consumismo, o individualismo, o “salve-se quem puder.”

2.3 QUANDO E POR QUE COMEÇAMOS A COMPETIR?

Vários autores dos mais diversos campos do conhecimento – desde a Economia até as Ciências Biológicas – tratam a questão da competição.

No final do século XVIII o economista inglês Thomas Malthus (1766-1834) publicou seu *Ensaio sobre o Princípio da População*¹¹ no qual afirmava que a população, não submetida a qualquer tipo de controle, crescia em proporção geométrica, enquanto a produção de alimentos crescia em proporção aritmética. Analisando o crescimento da população em diversas partes do mundo, o autor identificava que, naqueles locais onde a produção de alimentos era escassa, naturalmente as populações não tinham taxas de natalidade tão grandes quanto naqueles onde havia grande produção de alimentos. O malthusianismo defendia a

¹¹ O *Ensaio* de Malthus foi primeiramente publicado em 1798. Utilizou-se, neste trabalho, a versão disponibilizada na Internet, publicada em 1997. As referências foram feitas aos capítulos do *Ensaio* de Malthus, e não às páginas correspondentes, porque o texto disponibilizado na Internet não está paginado.

prática da restrição da renda máxima para poucos com o objetivo de manter o controle de um nível da população.

But though the rich by unfair combinations contribute frequently to prolong a season of distress among the poor, yet no possible form of society could prevent the almost constant action of misery upon a great part of mankind, if in a state of inequality, and upon all, if all were equal. (MALTHUS, 1997, cap. 2)¹²

Nos Estados Unidos, então uma jovem nação, as taxas de natalidade eram altas porque havia grande disponibilidade de alimentos, além de não haver restrições sobre os casamentos dos jovens. Segundo Malthus, isto ocorria por causa da grande riqueza encontrada pelos colonizadores que se instalaram em colônias de terras férteis, além da liberdade de conduzir seus assuntos internos da maneira que lhes fosse mais conveniente (1997, cap. 6). Isso não era verdade, entretanto, para toda a população do novo continente. Ainda segundo o autor, entre os indígenas americanos, onde a principal atividade era a caça, podiam verificar-se baixas taxas de natalidade. Entretanto, quando se estabeleciam em solo fértil e adotavam “um modo mais fácil e civilizado de vida”, a população crescia rapidamente (Ibidem, cap. 3).

Em seu Ensaio, Malthus segue analisando a situação de diversos países, inclusive a da própria Inglaterra, demonstrando os problemas causados pela falta de controle do crescimento da população. O que importa dizer aqui é que, por causa da escassez de alimentos, os conflitos chegaram, segundo Malthus, a conseqüências graves para as sociedades, levando-as inclusive à guerra. A invasão da Europa pelos diversos povos bárbaros representaram principalmente a busca por mais alimentos e território para uma população que crescia sem controle (Ibidem, cap. 3).

A partir dos estudos de Malthus se passa a acreditar que, para solucionar o problema da escassez de alimentos, a melhor medida a ser tomada seria o controle da natalidade. Se

¹² *Embora os ricos por injustas combinações contribuam freqüentemente para prolongar o período de dificuldades entre os pobres, mesmo assim nenhuma forma de sociedade poderia prevenir a quase constante ação da miséria sobre uma grande parte da humanidade, se em um estado de desigualdade, e sobretudo se todos fossem iguais.*

esta convicção começa a espalhar-se pelo mundo capitalista e liberal do século XVIII, o que não esperar em nossos tempos neoliberais? Segundo Abdalla, impedidos de pensar de maneira diferente pela própria racionalidade dominante,

a única alternativa levada a sério pelos representantes dos países industrializados para os problemas mundiais tem sido a redução da população. [...] para a racionalidade do mercado, sobra apenas uma única saída para a humanidade não sucumbir: *menos gente no planeta!* (ABDALLA, 2004, p. 42 e 47, grifo do autor).

Influenciado por Malthus, Charles Darwin (1809-1882) tratará da questão da competição não apenas entre as espécies, mas também intra espécies, ou seja, entre os indivíduos da mesma espécie, identificando-a – a competição – como atitude necessária à sobrevivência.

Este aspecto abordado freqüentemente na teoria de Darwin dizia respeito à competição inter e intra espécies. As primeiras idéias sobre o tema vieram da leitura do ensaio de Malthus (1838), *Principle of Population*, onde se falava que em breve o mundo teria mais pessoas do que a quantidade de comida produzida. Se nascessem mais pessoas do que pudessem sobreviver, isto geraria uma alta competição na espécie humana. (SANTOS, 2005)

Porém, aceitar a visão de Darwin como a explicação definitiva sobre o assunto significa negar qualquer possibilidade de neutralizar ou reverter o que já se tornou, na visão de muitos, uma competição predatória.

Se nossas condutas, nosso comportamento, a maneira como nossa sociedade se desenvolveu ou se modificou até chegarmos ao ponto em que estamos por um determinismo biológico, então nossa responsabilidade no atual estado de coisas se limita ao fato de que agimos no mundo da maneira que agimos porque não temos outra opção.

A respeito de nossa responsabilidade no mundo que construímos, no entanto, cito Paulo Freire:

Gosto de ser gente porque a História em que me faço com ou outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo[...]

Não posso me perceber como uma presença no mundo mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações alheias a mim[...] O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 58 e 60)

Na esteira das teorias darwinianas assistimos há alguns meses à série de reportagens produzidas pela TV Globo sobre instinto humano, apresentada no Fantástico. A competição era tratada como um instinto humano, definido geneticamente. Durante quatro semanas o programa dedicou-se a demonstrar que a liberação de certos hormônios no momento da competição, quer numa situação de vitória ou de derrota, comprovaria essa tese. Logo no início do programa o apresentador afirma: “Todos nós sabemos bem o que é sentir vontade de vencer. É um instinto que ao longo de milhões de anos tem ajudado a manter viva a espécie humana”.¹³ E assim prossegue nos primeiros minutos da série de reportagens:

Mas você já parou para se perguntar por que é tão bom sair ganhando? E por que perder é tão ruim? Por que o gosto da derrota é tão amargo?

[...]

No mundo inteiro, desde o início dos tempos, estamos sempre lutando para evoluir. A vontade de vencer, evitando a derrota a qualquer custo, é um dos aspectos mais extraordinários da cultura humana.

Essa característica é algo que surgiu cerca de 3 milhões de anos atrás, nas savanas da África. Foi lá que os nossos ancestrais deram seus primeiros passos.

[...]

Mas o instinto de competição dele [do australopitecus] sobrevive dentro de nós, por uma razão simples: **nossos corpos foram feitos** para sentir enorme satisfação quando temos sucesso. (Instinto Humano, 6/3/2005, grifo nosso)

A explicação dada pela série de reportagens parecia simples demais, simplista até, pois desconsiderava, ou dava menor importância, ao fato de que os seres humanos estão imersos

¹³ PRAZER da Vitória, O. Instinto Humano. Fantástico. 6/3/2005. TV Globo, 2005. Disponível em: <<http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/>>. Acesso em: 2/5/2005.

em cultura – e mais, em culturas diversas – que não apenas explicou no passado e explica hoje a conduta humana, mas transforma-se continuamente por esta última.

A Biologia Evolutiva estabeleceu de forma inequívoca que todos os organismos evoluíram a partir de um ancestral comum, no decorrer dos últimos 3,5 bilhões de anos; documentou muitos acontecimentos específicos da história da evolução; e desenvolveu uma teoria muito bem validada sobre os mecanismos genéticos, ecológicos e de desenvolvimento das mudanças evolutivas. Os métodos, conceitos e perspectivas da Biologia Evolutiva deram e continuarão dando importantes contribuições a outras disciplinas biológicas, tais como a Biologia Molecular e do Desenvolvimento, a Fisiologia e a Ecologia, bem como a outras ciências básicas como Psicologia, Antropologia e Informática.

[...]

A unidade, a diversidade e as características adaptativas dos organismos são conseqüências da história evolutiva e só podem ser plenamente compreendidas nesta perspectiva. (MEAGHER, 2002, p. 5 - 6)

Meagher identifica dois objetivos principais da Biologia Evolutiva, que são a descoberta da História da vida na Terra e a compreensão dos processos causais da Evolução. Um dos pontos que procura compreender é “como processos tais como a mutação, a seleção natural e a deriva genética deram origem às diversas características moleculares, anatômicas, comportamentais e outras dos diferentes organismos.” (MEAGHER, 2002, p. 12). Foi provavelmente com base em estudos que buscavam respostas para esta questão que o Fantástico encontrou a argumentação para a série Instinto Humano.

Os pesquisadores da Evolução Comportamental estudam a evolução de adaptações tais como os sistemas de acasalamento, o comportamento do “cortejo”, o comportamento de procura de alimentos, os mecanismos de fuga de predadores e a cooperação. As características comportamentais evoluem de maneira muito semelhante às características estruturais. Mudanças nos mecanismos neurais, hormonais e do desenvolvimento subjacentes ao comportamento também são objetos de estudo evolutivo, da mesma forma como as diferenças adaptativas entre espécies, quanto à memória, aos padrões de aprendizado e a outros processos cognitivos, alguns dos quais se refletem em diferenças de estrutura cerebral. Os padrões de comportamento, fisiologia, estrutura e ciclo de vida freqüentemente evoluem em conjunto. (Ibidem, p. 12)

A questão, assim colocada pela mídia eletrônica, e considerando toda a informação de cunho evolucionista que recebemos desde os primeiros anos de nossa educação formal – e que

às vezes cria conflito no seio das famílias por causa da tradição religiosa – é dada como inquestionavelmente resolvida.

Sendo assim, poderíamos apenas concluir que o estado atual de coisas é resultado desse processo evolutivo do qual somos seqüela e não podemos escapar.

Será?

Atualmente ouve-se falar de uma “contra-teoria” (em relação à teoria evolucionista de Darwin) chamada *Design Inteligente*, segundo a qual “várias formas de vida surgiram abruptamente por meio de uma interferência inteligente, com suas características já intactas.”¹⁴. No principal livro sobre DI até o momento, *A Caixa Preta de Darwin*, de Michael Behe, encontra-se a afirmação de não seria possível que um sistema irredutivelmente complexo surgisse a partir de modificações leves e sucessivas de organismos mais simples. A vida na Terra – e, portanto, os seres humanos, em toda a sua complexidade – teria surgido em um momento determinado da história terrestre por obra de uma entidade superior, que bem poderia ser um extraterrestre ou mesmo o Deus cristão.

Segundo a revista *Galileu*,

[...] o presidente americano George W. Bush anunciou no Texas que todas as escolas públicas do país deveriam ensinar a teoria do Design Inteligente (DI) nas aulas de ciência, paralelamente ao evolucionismo de Darwin, apresentado ao mundo em 1859, na obra ‘A Origem das Espécies’. (2005, p. 34)

Cumprе ressaltar que aceitar qualquer idéia determinista torna isento o ser humano de sua responsabilidade sobre sua própria história. Ainda que, conforme a *Galileu*, se possa afirmar que nem uma nem outra teoria (a de Darwin ou a de Behe) apresenta provas contundentes, é inevitável lembrar que ambas podem perfeitamente justificar a impossibilidade de imputar responsabilidade ao ser humano pela construção de sua própria

¹⁴ A polêmica na sala de aula. *Galileu*, Rio de Janeiro, n. 171, out.2005

história. Se a DI, que se deseja uma teoria científica, for utilizada para corroborar questões religiosas, está reaberto o caminho para justificar-se toda sorte de atrocidade de seres humanos contra seres humanos com base na idéia de um “criador” que estabelece hierarquias entre suas criaturas.

A questão que se levanta, entretanto, não diz respeito à evolução (ou à criação) dos organismos vivos, mas sim ao comportamento competitivo do ser humano como algo instintivo, determinado pela natureza e, portanto, sem alternativa.

Poderíamos dizer que a competição se dá por questões culturais? Se é cultural, de que maneira se deu a sua inserção tão arraigada no comportamento humano que faz com que se pense sobre ela como algo instintivo? Quais condições a facilitaram, a estimularam e a mantêm como atitude preferencial em nossos dias? Por que tantos a identificam como “predatória”?

Quem ganha, o que ganha? Quem perde, o que perde? Será verdade que a vitória e a derrota têm “sabores” particulares – doce vitória ou amarga derrota? Existiria alguma alternativa para esta maneira de entender as relações sociais?

Segundo Maturana, vivemos atualmente em uma cultura patriarcal cujas principais características são a apropriação, a defesa, a inimizade, a procriação, o controle, a autoridade e a obediência. Estas características constituem o emocional fundamental que permeia nossas relações: a competição, que é justificada “sob a afirmação de que a competição promove o progresso social, ao permitir que o melhor apareça e prospere” (MATURANA in MATURANA;VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 38). Isso não foi sempre assim, mas houve circunstâncias na história dos seres humanos que originaram uma mudança na rede de conversações características de uma cultura antes permeada pela proximidade, pela cooperação, pela fruição e pela plena aceitação do outro. Em decorrência dessa mudança na rede de conversações, surgiu uma nova cultura.

Maturana (MATURANA, op. cit.) reconstrói o conjunto de circunstâncias que alteraram a rede de conversações, gerando um novo emocional que conservou-se através das gerações, constituindo a cultura patriarcal. Segundo o autor, povos nômades que, com o intuito de se alimentar, seguiam animais em suas migrações, em algum momento passaram a domesticá-los e a protegê-los de outros animais para os quais os primeiros serviam de presas. Desta maneira, estes povos tornaram-se pastores e isto implicou na adoção de novas maneiras de viver.

Ao negar aos animais o acesso àqueles que lhes serviriam de alimento, estabeleceu-se a apropriação. Para Maturana, há uma diferença entre o caçador – que mata para comer – e alguém que deixa um animal morrer restringindo-lhe o acesso ao seu alimento natural. Estas ações são realizadas sob emoções diferentes. No primeiro caso, uma vida se perde para que outra possa prosseguir, mas no segundo, o que se busca é a conservação de uma propriedade.

Ainda como consequência desse novo estilo de vida pastoril, o ser humano passa a ter uma relação de existência mística diferente daquela que conhecia antes, pois passa a crer num ser superior que define hierarquias.

Neste contexto, surge a necessidade de obediência, de proteção, de competição, de inimizade, que vai sendo passada de geração a geração, finalmente estabelecendo-se como modo de vida, como cultura.

Quando o rechaçar, o perseguir os lobos e o correr com eles – de modo a que não se alimentassem da manada – transformou-se numa prática cotidiana, aprendida pelas crianças geração após geração, produziu, entrelaçada com essa prática, uma mudança básica no emocional dos membros de tal comunidade e surgiu um modo de viver na proteção da manada. Isto é: surgiu um modo de vida que incluía o emocional da apropriação e defesa daquilo que havia sido apropriado. À medida que essa forma de emocional começou a ser conservada, geração após geração, as crianças da comunidade aprenderam a viver em ações que negavam aos lobos o acesso normal à manada. E apareceram outras emoções que também começaram a se transmitir de pais para filhos. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 58)

2.4 EM QUE SETORES DA VIDA HUMANA PODEMOS VERIFICAR A COMPETIÇÃO?

Sabe-se que a competição pode ser verificada em vários setores da vida humana. Basta utilizar a palavra em qualquer chave de busca na Internet e o sistema trará uma enorme quantidade de exemplos nos esportes, na educação, na vida profissional, na administração das grandes corporações etc. É justamente nestes últimos setores que a questão da competição torna-se mais crítica, pois estão diretamente relacionados entre si e dão as condições de *ser* ou *não-ser*, conforme veremos adiante.

A julgar pelo que se vê nos diversos meios de informação, parece que todos estão convencidos de que nascemos para competir. O menino compete com o pai pelo amor da mãe, os meninos competem entre si pela atenção das meninas, meninos e meninas competem por uma vaga na escola, egressos do ensino médio competem por uma vaga no ensino superior, todos competem por uma vaga no mercado de trabalho e, depois de empregados, competem pela próxima promoção – apesar de serem solicitados a “cooperar em equipe”.

Diferentemente da frase atribuída ao Barão de Coubertin¹⁵, o que se pode observar nas relações sociais contemporâneas é que não é verdade que o importante é competir, como se o objetivo principal de qualquer competição não fosse a vitória. Todos estão mesmo desejosos de “vencer na vida”. Ayrton Senna admitiu sem rodeios: “O importante é ganhar. Tudo e sempre. Essa história que o importante é competir não passa de demagogia.” No âmbito dos esportes, principalmente naqueles praticados profissionalmente, questionar o lema “Vencer! Vencer! Vencer!” é impensável.

¹⁵ Pierre de Frédy (1863-1937), pedagogo e historiador francês, mais conhecido como Barão de Coubertin, idealizou os Jogos Olímpicos da era moderna. Informação biográfica disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_de_Coubertin>. Acesso em 17/10/05.

Entretanto, é no âmbito do trabalho, nas relações profissionais, no mundo dos negócios, regidos pela “racionalidade burguesa”, que a competição mostra sua força como princípio. É principalmente neste âmbito que o *ter* ou *não ter*, substituindo o *ser* ou *não ser*, caracteriza mais contundentemente a “cultura patriarcal européia” a que pertencemos.

Dentro da “racionalidade burguesa” costuma-se dizer que os recursos são escassos e que a população mundial não pára de crescer. Um dos argumentos favoráveis à competição entre o empresariado nestes tempos de globalização é o fato de que ela geraria a melhoria dos processos, com aumento conseqüente da produtividade.

Vejamos alguns argumentos apresentados por Michael E. Porter¹⁶, reconhecido mundialmente como a autoridade máxima em estratégia competitiva e em competitividade e desenvolvimento, em seu livro *Competição = On competition: estratégias competitivas essenciais*, que é uma coletânea de artigos do autor, onde ele apresenta a influência do local na competição, o papel do investimento de capital privado na competitividade e o relacionamento entre competição e a sociedade.

Sobre a influência do local na competição, Porter afirma que, em condições adversas, medidas adequadas podem superar problemas naturais, colocando as empresas (ou as nações) em vantagem competitiva. A Holanda e o Japão são dois de seus exemplos:

Na Holanda, por exemplo, as características climáticas negativas e a escassez de terras induziram à inovação em áreas como métodos de cultivo em estufas, tecnologia de alimentos e técnicas de manuseio no corte das flores, produto em que os holandeses têm mais de 60 por cento da produção mundial (PORTER, 1999, p. 344)

E sobre a Honda, uma das maiores empresas automobilísticas japonesas:

¹⁶ Nascido em 1947. Professor responsável pela Cátedra Bishop William Lawrence na *Harvard Business School*, responsável pelo *Institute for Strategy and Competitiveness*, criado conjuntamente pela *Harvard University* e pela *Harvard Business School*. PhD em Gestão Empresarial pela *Harvard University*. Informação biográfica disponível em <http://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Porter> e <<http://leighbureau.com/speaker.asp?id=129>>. Acessados em 17/10/2005.

[...] a Honda enfrenta a competição de outras oito empresas automobilísticas japonesas, todas concorrendo no mercado internacional[...] A rivalidade entre um grupo de concorrentes locais intensifica as pressões em termos de inovação e aprimoramento. As comparações de desempenho relativo entre rivais locais estimula o ritmo das melhorias. (Ibidem, p. 345)

Lanço duas perguntas, apenas para instigar a polêmica:

E se a Holanda produzisse alimentos, ao invés de flores que eu e você não podemos adquirir para enfeitar nossas casas?

E se, assumindo que o automóvel fosse um bem de primeira necessidade, a Honda produzisse mais carros populares, ao invés dos modelos aos quais a maioria absoluta da população mundial não tem qualquer possibilidade de acesso?

Porter dá todos os argumentos bem conhecidos do meio empresarial que justificam a competição desenfreada que testemunhamos hoje. Há que se admitir que são argumentos fortes que, por si só, **dentro da racionalidade dominante – a da competição –**, justificariam as ações do capitalismo globalizado. Sua argumentação sobre a necessidade de acabar o impasse entre a conservação da natureza e a competição é bastante interessante, na medida em que identifica poluição com ineficiência. Seu exemplo é, novamente, o cultivo de flores na Holanda:

Considere a maneira como o setor de floricultura holandês reagiu aos problemas ambientais. A cultura intensiva de flores em pequenas áreas estava contaminando o solo e os lençóis freáticos com pesticidas, herbicidas e fertilizantes. Ameaçados por uma regulamentação cada vez mais severa sobre a utilização de produtos químicos, os holandeses compreenderam que a única maneira eficaz de enfrentar o problema consistiria em desenvolver um sistema de ciclo fechado. Atualmente, as flores são cultivadas em sofisticadas estufas, em água e lã mineral, e não no solo. Essa alternativa reduz o risco de contaminação, diminuindo a necessidade de fertilizantes e pesticidas, que já são incluídos na água em circulação e reutilização. (PORTER, op. cit., p. 372).

Pode-se depreender da argumentação de Porter que as empresas teriam de achar a melhor solução para resolver os problemas ambientais por elas causados e que, como se sabe,

se agravam a cada dia e a uma velocidade assustadora. Os problemas aqui envolvidos vão desde a emissão de gases que produzem o efeito estufa (agravado pela queima indiscriminada de florestas), as chuvas ácidas, a salinização e ressecamento do solo, a extinção de espécies da fauna e da flora, o esgotamento do petróleo e até, como constatado recentemente, a iminência de uma escassez permanente de água potável que deverá atingir um terço dos países do mundo ainda no começo deste século. (ABDALLA, 2004).

A solução de todos esses problemas – assumindo, de forma otimista, que seja possível solucioná-los – seria viável dentro da lógica da competitividade? E, caso fossem implantadas as medidas adequadas, o que isso traria como consequência? Um novo ciclo de exploração da natureza e uma nova iminência de destruição?

Outro fator ressaltado por Porter é que as empresas que não conseguem liderar (vencer a competição) no mercado local, passam a dedicar-se à exportação.

Leiga em questões de gestão empresarial, creio, entretanto, que seria acertado supor que isso se daria em condições específicas e que o que se observa hoje é que as empresas que lideram localmente partem para a exportação também. Longe de ser o objeto deste estudo, a introdução de produtos importados acaba levantando também questões sobre a competição, pois sabemos que nos países em desenvolvimento onde os produtos importados foram introduzidos, uma consequência mais imediata foi o desemprego de milhares e que o esforço das empresas nacionais para atingirem patamares de qualidade e preço, que lhes possibilitasse competir com os produtos importados, demorou a acontecer e, efetivamente, quando isto ocorreu, não possibilitou o resgate dos empregos, justamente por causa da otimização dos processos produtivos.

Fica claro que a competição é um fator altamente positivo do ponto de vista das grandes corporações, mas o que dizer da população mundial deixada à margem dos benefícios por ela trazidos? Como ignorar que para a grande maioria da população mundial os recursos

são de fato escassos, enquanto uma minoria detém uma enorme riqueza? E isso sem falar nos problemas ambientais que a competição desenfreada vem causando pois, ao contrário do que Porter possa “pregar”, sabe-se que as melhores tentativas de discutir o assunto ambiental em instâncias mundiais resultaram em fracasso porque as nações mais ricas recusaram-se a assumir compromissos que reduzissem suas possibilidades de ganho, ao passo que as nações mais pobres não puderam assumir sozinhas qualquer compromisso que acabaria por lançá-las de vez em dependência total. (ABDALLA, 2004).

A indicação da crise da natureza não é uma constatação apocalíptica de uma crise escatológica. A crise da natureza não é autógena, mas gerada por um sistema que não consegue resolvê-la. E não o faz pois o eixo de sua racionalidade, que estabelece a centralidade e a absolutização do mercado, não o permite. (Ibidem, p. 34).

Como mencionado anteriormente, segundo Abdalla, a competição – ou o que denomina “troca competitiva” – é o eixo central da racionalidade burguesa hegemônica que faz

com que todos os fenômenos do mundo cotidiano sejam compreendidos, em sua essência, como componentes de uma estrutura lógica mercantilista. [...] Nada é possível pensar fora desse referencial fundamental.” (Ibidem, p. 53).

Sendo assim, todas as ações humanas serão interpretadas e justificadas por esta racionalidade.

Abdalla chama a atenção para o fato de que a palavra “troca” traz a idéia de complementaridade. São necessários pelo menos dois pólos de interesse e a “troca” pura e simples satisfaria igualmente a ambos. No caso da “troca competitiva”, entretanto, a meta final é o ganho, há um “retorno”. (ABDALLA, op. cit.).

Mesmo que de mim saia algo para que a troca se concretize, essa atitude não é de doação, mas uma *mediação* para a obtenção daquilo pelo qual estou interessado. O *dar*, nesse caso, aparece apenas como um ‘mal necessário’. O dar sem retorno é

atitude impensada e paradoxal no âmbito da racionalidade burguesa, por isso tão rara e incompreendida nas relações humanas atuais. O verdadeiro fim da troca competitiva é o que receberei. Se esse fim puder ser obtido com uma mediação menor, ou mesmo sem ela, tanto melhor. Otimizar uma relação de troca competitiva é tornar cada vez maior o retorno e cada vez menor o dispêndio. O discurso legitimador da implantação das medidas neoliberais pelo globo e da reorganização da produção e do mundo do trabalho é totalmente permeado por esse ideal de otimização. (ABDALLA, 2004, p. 54-55. Grifos do autor.)

No processo de otimização da relação de troca competitiva vale tudo, nenhuma prática que vise este fim será refutada por ilegal ou imoral dentro da racionalidade burguesa.

Para Abdalla, dentro da racionalidade capitalista a condição de “ser” é dada pelo “possuir”. Assim, quem não possui algo para “trocar” perde sua condição de “ser”, tornando-se um “não-ser”, destituído de direitos. (Ibidem). Poder-se-ia dizer que um “não-ser” estaria também destituído de deveres, portanto incapaz de ser sujeito de sua própria história.

[...] investimentos voltados para os excluídos são considerados gastos desnecessários e que podem ser cortados, ao mesmo tempo em que se negam direitos básicos a quem não pode pagar por eles, pois a morte de quem *não é* não é morte, mas plenificação de sua condição de *não-ser*. Incômoda mesmo (pois paradoxal) é a presença angustiante desse não-ser aos nossos sentidos, pelas ruas, morros, janelas dos carros, reportagens especiais etc. Nenhuma manifestação ou fenômeno do mundo humano, ou mesmo da natureza, são considerados seres se deles não se puder obter algo que possa ser trocado. (Ibidem, p. 57)

Ou, como nos revela Verden-Zöllner, em nossa cultura (ocidental) a identidade do ser humano está dada ou pelo resultado de sua atividade (seja ela produtiva ou não) ou pelo que possui. Há uma orientação para a produção e para a apropriação que justifica a necessidade de controlar o outro, implicando a sua negação como ser humano. Esse controle tanto poderá ser conseguido pela argumentação racional quanto pela ameaça, transformando as relações interpessoais em relações instrumentais, ou seja, só valem na medida em que são úteis. (VERDEN-ZÖLLNER in MATURANA; VERDEN-ZÖLLNER, 2004).

A autora argumenta que a separação entre corpo e mente, corpo e espírito, corpo e alma, com a valorização do espírito ou alma em detrimento do corpo, traz como consequência todas as demais explicações dualistas características da cultura ocidental, inclusive aquela que

nos coloca em oposição à natureza, como se dela não fizessemos parte. O ser humano é “senhor” da natureza. Como implicação e conseqüência dessa mesma compreensão dualista, o homem é “senhor” da mulher, os pais são “senhores” dos filhos, há “senhores” de escravos. Poderíamos dizer, também, que há os que possuem e o que não possuem, ou seja: os que *são* e os que *não são*.

Em nossa cultura ocidental, em geral exigimos um propósito para a maioria das nossas interações e relações, seja com nós mesmos, com outros seres humanos ou com qualquer coisa que concebamos como parte do mundo que nos rodeia. Essa exigência é evidente quando nos encontramos com alguém e perguntamos: o que é que você quer? O que posso fazer por você? O que você está fazendo aqui? (VERDEN-ZÖLLER in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 13)

Num contexto de cooperação, diferentemente de “nossa cultura ocidental”, a pergunta apropriada seria “O que posso fazer *com* você?”, demonstrando o respeito, a plena aceitação, o entendimento de que ambos seriam responsáveis por suas ações tomadas após reflexão consciente. Ao dispor-se a agir *com* o outro, e não *pelo* ou *para* o outro, as considerações sobre o “ter” perde o sentido, e o “ser” é o que importa.

Dentro da “racionalidade burguesa”, quanto mais se tem, mais se deseja acumular. Tornamo-nos incapazes de resgatar o amor como emoção que deveria permear nossas ações e conversações porque, dentro desta racionalidade, o outro jamais poderá nos satisfazer completamente. Dentro desta mesma racionalidade encontraremos todas as justificativas que possamos desejar para continuar oprimindo o outro, nos apropriando do que é seu e, quando este não possuir mais nada, poderemos ficar indiferentes até à sua morte, pois a morte de um *não-ser* nada significa.

3 COOPERAÇÃO – A CONVERSÃO DESEJADA

3.1 O QUE É COOPERAÇÃO

Da mesma maneira como encontramos várias definições para o termo competição, também encontramos várias definições para cooperação. Utilizando as mesmas referências, o Novo Dicionário de Língua Portuguesa, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira informa que cooperação é um substantivo feminino que significa “o ato ou efeito de cooperar” (1975, p. 381). E cooperar?

Cooperar. [Do lat. **cooperare*, por *cooperari*.] *V. t. i.* 1. Operar ou obrar simultaneamente; trabalhar em comum; colaborar: *cooperar para o bem público; cooperar em trabalhos de equipe. Int.* 2. Ajudar, auxiliar; colaborar. (FERREIRA, 1975, p. 381)

Enquanto a competição pode ser uma atividade individual de um ou mais indivíduos *contra* um ou outros, parece evidente que a cooperação não admite a idéia de individualismo. Na cooperação, mesmo que se trabalhe sozinho, este trabalho estará sendo realizado para o alcance de um objetivo comum *com* outros. Vejamos as definições do Aurélio para a palavra *colaboração*, que surge como sinônimo de cooperação e para a palavra *colaborar*, como sinônimo de cooperar:

Colaboração. [De colaborar + -ção.] *S. f.* 1. Trabalho em comum com uma ou mais pessoas; cooperação: *Aquele dicionário é fruto de colaboração bem orientada.* 2. *P. ext.* Ajuda, auxílio, contribuição: *Sem a colaboração de todos não haverá paz. [...]* 5. O conjunto do trabalho dos colaboradores, da colaboração: *Está pronta a colaboração especializada da nova obra.* (Ibidem, p. 344)

Colaborar. [Do lat. *Collaborare*.] *V. t. i.* 1. Prestar colaboração; trabalhar na mesma obra; cooperar: *Todos colaboramos na campanha. [...]* 3. Concorrer, contribuir: *A luz e a sombra colaboram para a grande expressividade dos quadros de Rembrandt. Int.* 4. Prestar colaboração; cooperar: *Cumprir que toda a equipe saiba colaborar.* 5. Auxiliar, ajudar a fazer alguma coisa. (Ibidem, p. 344-345)

Para Abdalla, a cooperação é o princípio que deve funcionar como “eixo fundamentador de uma possível nova racionalidade” (2004, p. 100). Este princípio é diametralmente oposto ao princípio da competição que ora permeia as relações sociais. Por isso, conforme o autor, “*sua afirmação é necessariamente revolucionária*” (Ibidem, p. 100, grifo do autor).

Todas as relações sociais deverão se erigir sobre este novo princípio, bem como a relação do ser humano com a natureza. Objetivamente, será necessário abrir mão da acumulação, do domínio, do controle e de toda sorte de hierarquias. Isso representará o resgate da essência do ser humano, como ser que somente pode ser caracterizado como tal pelo convívio no conversar possibilitado pelo amor, que é o domínio de ações tais como a cooperação, a aceitação plena, o respeito mútuo, a inclusão.

3.2 O QUE CARACTERIZA A COOPERAÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS

A cooperação ou colaboração de que trata este trabalho reconhece no outro a sua importância, preza-o ao invés de menosprezá-lo ou desprezá-lo. Trata-se da cooperação em que se sabe que o outro, seja qual for a sua parte na tarefa desempenhada, fará falta caso precise ausentar-se.

Ao discutir a questão da cooperação/colaboração com base em pensadores como Humberto Maturana, torna-se necessário desprezar a idéia de auxílio, ajuda, contribuição atribuída à palavra colaboração, pois correr-se-ia o risco de acabar reforçando a hierarquização nas relações humanas, ao invés de superá-la ou revertê-la, o que parece ser, de fato, a proposta desse autor: “Fazer algo pelo outro ou para ele não constitui subordinação ou servidão. É a emoção sob a qual se faz ou se recebe o que é feito que transforma esse fazer numa coisa ou noutra.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 21)

Maturana defende que o modo como um organismo age em determinado meio depende não apenas de sua constituição genética, mas também da sua interação com o próprio meio e com um modo de viver neste meio.

Lo que la constitución genética de un organismo determina en el momento de su concepción es un ámbito de ontogenias posibles en el cual su **historia de interacciones con el medio** realizará una en un proceso de epigénesis. (MATURANA; DÁVILA, _____, grifo nosso)^{17 18}

Segundo Maturana, ao observar a história evolutiva do ser humano, é necessário inicialmente notar o modo de vida dos primeiros humanos, que possibilitou o surgimento de uma linguagem. Esta seria um “domínio de coordinaciones conductuales consensuales”¹⁹ somente possível onde houvesse encontros recorrentes com aceitação intensa e mútua. Esta seria a situação encontrada entre os humanos primitivos, que desenvolveram a linguagem pela necessidade de compartilhar alimentos, passar coisas uns aos outros, colaborar – tanto homens quanto mulheres – na criação dos filhos etc. Tudo isso requereria uma proximidade que, além do mais, se fundamentaria num ingrediente emocional: o amor.

“Es el modo de vida homínido lo que hace posible el lenguaje, y es el amor, como la emoción que constituye el espacio de acciones en que se da el modo de vivir homínido, la emoción central en la historia evolutiva que nos da origen.”²⁰ (MATURANA; DÁVILA, _____).

¹⁷ O texto de Maturana e Dávila, *Lenguaje y realidad: El origen de lo humano*, disponibilizado na Internet, não está paginado. Com relação à data do artigo, como o site é constantemente atualizado, é razoável supor-se que o mesmo teria sido disponibilizado em fins de 2004 ou início de 2005.

¹⁸ *O que a constituição genética de um organismo determina no momento de sua concepção é um âmbito de ontogenias possíveis, no qual sua história de interações com o meio realizará uma em um processo de epigênese.*

¹⁹ *domínio de coordenações comportamentais consensuais.*

²⁰ *É o modo de vida humano o que torna possível a linguagem, e é o amor, como a emoção que constitui o espaço de ações em que se dá o modo de viver humano, a emoção central na história evolutiva que nos dá origem.*

É este modo de viver, conjugado com o *linguajear*, ou seja, o entrecruzamento da utilização da linguagem com a ação com base no amor, que se vai conservando “como parte del fenotipo ontogénico que nos define.”²¹ (MATURANA; DÁVILA, http://)

Maturana afirma que nossa civilização supervaloriza a razão e a racionalidade em detrimento das emoções, o que nos torna “culturalmente limitados para os fundamentos biológicos da condição humana.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 221). Sem negar o valor daquelas, entretanto, o autor afirma que não é positivo desvalorizar as emoções, que são igualmente expressões básicas da existência humana. Em tempos de total hegemonia da razão, um pensador do quilate de Maturana afirma que “las distintas acciones humanas quedan definidas por la emoción que las sustenta y que todo lo que hacemos lo hacemos desde una emoción[...] aun el más excelso y puro razonar.”²² (MATURANA; DÁVILA, http://) Ou, como afirma em outro momento: “todos os domínios racionais que produzimos como seres humanos [...] têm um fundamento emocional.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 221)

Segundo Maturana, com o surgimento da linguagem, foi possível conservar a emoção²³, na qual centra-se o prazer da convivência, da aceitação do outro junto a si. É esta emoção, que o autor identifica como o amor, que está presente na origem do prazer que o ser humano encontra em conversar e que faz com que tanto o nosso bem-estar quanto o nosso sofrimento dependam deste ato (o conversar), bem como possam originar-se e terminar nele.

²¹ como parte do fenótipo ontogénico que nos define.

²² as distintas ações humanas ficam definidas pela emoção que as sustenta e que tudo o que fazemos o fazemos desde uma emoção[...] até mesmo o mais excelso e puro raciocinar.

²³ Há que lembrar que a emoção preexistia à linguagem e que esta possibilitou, como já dito, a conservação daquela.

Maturana afirma que “lo humano surge, en la historia evolutiva del linaje homínido a que pertenecemos, al surgir el lenguaje.”²⁴ (MATURANA; DÁVILA, ^{disponível em} ntt) Porém, somente se constitui de fato como humano quando seu modo de vida particular se conserva geração após geração. Este modo de vida particular se caracteriza pelo compartilhar alimentos, pela colaboração de machos e fêmeas na criação dos filhos e nos encontros sensuais recorrentes que o entrelaçamento da linguagem com o amor possibilita.

[...] todo quehacer humano se da en el conversar y lo que en el vivir de los seres humanos no se da en el conversar no es quehacer humano. Así, al mismo tiempo, como todo quehacer humano se da desde una emoción, nada humano ocurre fuera del entrelazamiento del lenguaje con el emocionar[...] en cuya conservación se constituye lo humano al surgir el lenguaje, se centra en el placer de la convivencia, en la aceptación del otro junto a uno, es decir, en el amor, que es la emoción que constituye el espacio de acciones en el que aceptamos al otro en la cercanía de la convivencia.²⁵ (MATURANA; DÁVILA,). ^{disponível em ttp://}

Pela teoria desenvolvida por Maturana, então, é um equívoco afirmar que competimos meramente por uma necessidade biológica ou fisiológica. Segundo o autor,

Na vida dos seres humanos – na qualidade de seres biológicos – nada acontece porque é necessário, vantajoso ou benéfico. Esses adjetivos só são aplicáveis no âmbito dos valores, ou seja, no contexto dos comentários que um observador pode fazer sobre as conseqüências e as justificativas das preferências humanas. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 13)

Aliás, o autor afirma categoricamente que, embora nada possa acontecer em nós ou a nós que não seja permitido por nossa biologia, não se pode falar em determinismo biológico porque “para que algo ocorra num ser vivo deve haver história, ou seja, deve haver um devir desse ser vivo num âmbito de interações que é operacionalmente independente dele.”

²⁴ *O humano surge, na história evolutiva da linhagem homínida a que pertencemos, ao surgir a linguagem.*

²⁵ *[...] todo quefazer humano se dá no conversar e aquilo que no viver dos seres humanos não se dá no conversar não é quefazer humano. Assim, ao mesmo tempo, como todo quefazer humano se dá desde uma emoção, nada humano ocorre fora do entrelaçamento do linguagem com o emocionar[...] em cuja conservação se constitui o humano ao surgir a linguagem, centrando-se no prazer da convivência, na aceitação do outro junto a si, ou seja, no amor, que é a emoção que constitui o espaço de ações no qual aceitamos o outro na proximidade da convivência.*

(MATURANA, op.cit, p. 17). Para Maturana, a competição é anti-social porque nega a partilha e o amor.

A cooperação, esta sim estaria presente nos primórdios da vida humana mas, da mesma maneira, não por um determinismo biológico.

O compartilhar alimentos é apenas uma das muitas atividades tipicamente humanas que implicam proximidade, aceitação mútua e coordenação de ações para serem realizadas. O que torna isso possível é o amor que, entrelaçado com a linguagem, caracteriza o modo de vida humano.

Seria mais plausível afirmar que competimos por uma questão cultural. Afinal, não é a partir de sua respectiva cultura que um observador atribui valor às diversas questões da vida humana?

De acordo com a “racionalidade burguesa”, o crescimento da população humana, o alimento e demais recursos se tornaram escassos, gerando disputas, competição. Entretanto, como vimos anteriormente, Maturana nos informa que no início da vida humana as relações não se caracterizavam pela competitividade, mas sim pela cooperação que a proximidade (ou o amor) suscitava. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Maturana afirma que a história da humanidade seguiu o curso dos desejos, os quais estão relacionados diretamente ao emocionar. Segundo o autor, os recursos naturais só existem à medida que os desejamos. Portanto o curso da história não estaria ligado à escassez de recursos, mas sim ao nosso desejo por eles. (Ibidem). Provavelmente, somente a necessidade de sobrevivência – o desejo de sobreviver –, em condições de escassez – definida pelo desejo de acumular –, suplantaria o amor. Posteriormente, agregar-se-ia também o desejo de poder, criando-se todas as condições para que a competição passasse a ser observada nas mais inocentes conversas.

As expressões utilizadas por Maturana – emocionar, linguajar, conversar – estão diretamente vinculadas à linguagem. Agimos a partir de nossas emoções, dentro de interações que se tornam recorrentes e se inter-relacionam, criando um “fluxo recursivo de coordenações de coordenações comportamentais consensuais.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). Este fluxo, que o autor denomina *linguajar*, somente é possível por causa da linguagem que é, segundo ele, um “fenômeno biológico relacional”. Com o outro há linguagem. Com o outro há coordenações comportamentais consensuais. Com o outro há razão para expressar emoções. Com o outro há conversa e, portanto, há conservação do modo de vida que é particularmente humano – imerso na linguagem. Isto significa dizer que somente no envolvimento com outros sujeitos, ao projetarmos-nos neles e eles em nós, é que afirmamos nossa existência como seres humanos.

Se pudéssemos ouvir agora um conversar entre Paulo Freire e Maturana, ouviríamos o assentimento de Freire:

O homem está no mundo e com o mundo. [...] pode objetivar-se, [...] distinguir entre um eu e um não-eu. Isto o torna um ser capaz de relacionar-se; de sair de si; de projetar-se nos outros; de transcender. [...] O animal não é um ser de relações, mas de contatos. Está no mundo e não com o mundo. (FREIRE, 1979, p. 30)

Quanto às emoções, Maturana explicita que a principal delas é o amor. A banalização e o conseqüente esvaziamento desta palavra, entretanto, nos impedem de compreender precisamente a que o autor se refere. Não se trata do amor romântico, mas “serve a uma descrição científica dos fenômenos. O autor leva em conta aqui a proximidade e a pertença a que os primeiros seres humanos viviam entregues, e que viabilizaram os acoplamentos que expandiram o domínio lingüístico”. (PAULA, 2001, p. ?)

Segundo Paulo Freire, o amor é uma tarefa do sujeito, isto é, daquele que pode refletir e agir sobre sua própria condição. O amor ocorre porque dois ou mais sujeitos se respeitam e não pretendem apropriar-se um do outro. Segundo o autor, a ânsia de impor-se ao outro é

uma “espécie de chantagem de amor”, é uma distorção. (FREIRE, 1979) Esta maneira de entender o amor parece estar em sintonia com o que Maturana defende, pois Freire prossegue: “Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais.” (Ibidem, p. 29)

Para Maturana, “é a emoção que define a ação. É a emoção a partir da qual se faz ou se recebe um certo fazer que o transforma numa ou noutra ação, ou que o qualifica como um comportamento dessa ou daquela classe.” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 10) Por outro lado, o conversar, no qual se conserva o viver humano, é o resultado do entrelaçamento²⁶ entre o emocionar e o linguagemar, onde os comportamentos são consensuais. Conversamos e, ao fazê-lo, conservamos aquilo que nos é particular e consensual num determinado momento e num determinado espaço, e agimos de acordo com aquilo que emocionamos. (Ibidem, p. 33)

Nós, seres humanos modernos, somos o presente dessa história [“história evolutiva do grupo de primatas bípedes a que pertencemos” que deu origem à linhagem humana]. E existimos como **resultado** atual de um porvir de transformações anatômicas e fisiológicas, que ocorreram em torno da conservação do viver no conversar. (Ibidem, p. 10 – grifo nosso)

Sendo assim, o modo de vida contemporâneo não apenas conserva, mas é também resultado daquilo que expressamos em nossas conversas. Estas, por sua vez, refletem nossas emoções, aquelas que emergem do nosso lidar cotidiano, impregnado de competição. Entretanto, é possível superar este modo de vida impregnado de competição através de um novo emocionar, que poderá gerar novas conversações dentro das atuais circunstâncias, que darão origem, por sua vez, a novos emocionares, num movimento cíclico e recorrente, até que

²⁶ Maturana utiliza a expressão *trama* (tecido) *relacional* para designar o local onde se dá a constituição de uma cultura, através do entrelaçamento do emocionar com o linguagemar. Neste sentido imaginamos o tecer de uma rede no início deste trabalho. Fornecemos, a partir de nossa vivência, de nossos conhecimentos e de nosso conversar um “fio” que, ao ser entrelaçado a outros, e estes a outros mais, vão compondo aquilo que Maturana chama de redes de conversações, que dão origem às culturas.

um novo modo de vida, sempre caracterizado pela conversação, que é, para o autor, a característica que define a linhagem humana, se estabilize. (MATURANA, op. cit.).

Para termos uma idéia de como isso pode ocorrer, vejamos a maneira pela qual Aníbal Ponce, em seu *Educación y Lucha de Clases*, descreve as relações sociais entre os membros de tribos primitivas, sem perder de vista o fato de que este autor aborda tais questões através de um pensamento marxista:

Colectividad pequeña, asentada sobre la propiedad común de la tierra, y unida por vínculos de sangre, eran sus miembros individuos libres, con derechos iguales, y que ajustaban su vida a las resoluciones de un consejo formado democráticamente por todos los adultos, hombres y mujeres, de la tribu. Lo que se producía en común era distribuido en común e inmediatamente consumido. El escaso desarrollo de los instrumentos de trabajo impedía producir más de lo necesario para la vida diaria, y por lo tanto, acumular.²⁷ (PONCE, 1986, p. 25-26).

A divisão do trabalho, inicialmente, acontecia de acordo com a diferença entre os sexos, mas isto não significava que o trabalho da mulher fosse menos importante. Às mulheres competiam decisões econômicas, assumindo funções públicas, socialmente tão necessárias quanto a tarefa de prover comida, que ficava a cargo dos homens (Ibidem). Homens e mulheres estavam no mesmo patamar de direitos e deveres, em plena colaboração. Essas condições parecem confirmar o que Maturana sustenta:

A humanidade começou há mais ou menos três milhões de anos com a conservação – geração após geração – de um modo de viver em conversações que envolviam a colaboração dos sexos na vida cotidiana, por meio do compartilhamento de alimentos, da ternura e da sensualidade. [...]

Colaboração não quer dizer obediência; ela ocorre na realização espontânea de comportamentos coerentes de dois ou mais seres vivos. Nessas circunstâncias, a colaboração é um fenômeno puramente biológico quando não implica um acordo prévio. Quando o faz, é um fenômeno humano. Ela surge de um desejo espontâneo, que leva a uma ação que resulta combinada a partir do prazer. [...] Na colaboração

²⁷ *Coletividade pequena, assentada sobre a propriedade comum da terra e unida por vínculos de sangue, seus membros eram livres, com direitos iguais e que ajustavam sua vida às resoluções de um conselho formado democraticamente por todos os adultos, homens e mulheres, da tribo. O que se produzia em comum era distribuído em comum e imediatamente consumido. O desenvolvimento escasso dos instrumentos de trabalho impedia a produção de mais do que o necessário para a vida diária e, portanto, o acumular.*

não há divisão de trabalho. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 18)

Às crianças também estavam garantidos direitos. Tão logo tinham forças suficientes (ao redor dos sete anos), começavam a acompanhar os adultos em todos os trabalhos, recebendo comida como recompensa, da mesma maneira que os demais. (PONCE, 1986)

Nesse contexto, a educação acontecia espontaneamente e não estava a cargo de ninguém em especial, mas se dava na convivência com os demais.

Gracias a una insensible y espontánea asimilación de su contorno, el niño se iba conformando poco a poco dentro de los moldes reverenciados por el grupo. La diaria convivencia con el adulto le introducía en las creencias y las prácticas que su medio social tenía por mejores. Desde las espaldas de la madre, colgado dentro de un saco, asistía y se entremezclaba a la vida de la sociedad, ajustándose a su ritmo y a su norma, y como la madre marchaba sin cesar de un lado para otro y la lactancia duraba varios años, el niño adquiría su primera educación sin que nadie lo dirigiera expresamente.²⁸ (LETOURNEAU apud PONCE, 1986, p. 27)

Posteriormente, os adultos iam explicando às crianças maiores, de acordo com a necessidade, a maneira de se conduzir. Aprendiam a usar os instrumentos de caça durante a caça; a conduzir canoas, navegando. A educação ia acontecendo dentro das funções sociais da coletividade e, apesar das diferenças, as crianças mantinham-se no mesmo nível que os adultos (PONCE, op. cit.).

Entregados a su propio desarrollo[...] los niños no dejaban por eso de convertirse en adultos acordes con la voluntad impersonal de su ambiente: adultos tan idénticos a todos los otros miembros de la tribu[...]²⁹ (Ibidem, p. 28)

²⁸ *Graças a uma imperceptível e espontânea assimilação de seu contorno, o menino ia se conformando pouco a pouco dentro dos moldes reverenciados pelo grupo. A convivência diária com o adulto o introduzia nas crenças e práticas que seu meio social considerava melhores. Das costas da mãe, pendurado dentro de um saco, assistia e se misturava à vida da sociedade, ajustando-se ao seu ritmo e a sua norma, e como a mãe caminhava sem cessar de um lado para o outro e a amamentação durava vários anos, o menino adquiria sua primeira educação sem que ninguém o dirigisse expressamente.*

²⁹ *Entregues ao seu próprio desenvolvimento[...] as crianças não deixavam por isso de converter-se em adultos conformes com a vontade impessoal de seu ambiente: adultos tão idénticos a todos os outros membros da tribo[...]*

Ponce se pergunta de que maneira as crianças assim educadas transformavam-se em adultos tão identificados com sua tribo.

[...] la educación en la comunidad primitiva era una función espontanea de la sociedad, en un conjunto, a igual título que el lenguaje o la moral[...] así como resulta evidente que el niño no debe concurrir a ningún instituto para aprender a hablar, debe resultarnos no menos evidente que en una sociedad en la cual la totalidad de los bienes están a disposición de todos, puede bastar la silenciosa imitación de las generaciones anteriores para ir llevando hacia un mismo cauce común las inevitables desigualdades en los temperamentos.³⁰ (PONCE, op. cit., p. 28-29)

Ao ler este trecho de Ponce, não posso deixar de relacioná-lo com Maturana, e creio mesmo que ele explicaria esse aprendizado da criança até tornar-se um adulto integrado a sua tribo como resultado do conversar permeado pelo amor.

O desenvolvimento biológico sadio de uma criança requer uma vida de amor e aceitação mútua – e sem expectativas sobre o futuro – com sua mãe e os outros adultos com os quais ela convive. Ao mesmo tempo, também do ponto de vista biológico, uma criança em crescimento requer uma vida de atividades válidas em si mesmas e que se realizem sem nenhum propósito externo a elas. Em tal modo de vida, a atenção da criança pode estar plenamente nas próprias atividades e não em seus resultados. (MATURANA in MATURANA;VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 223-224)

Maturana (Ibidem) descreve a transformação das culturas matrísticas em culturas patriarcais, como resultado de circunstâncias que provocaram alterações nas redes de conversações motivadas pelo amor e as transformaram em redes de conversações permeadas pela apropriação, pela inimizade e pela necessidade de proteção.

Para Maturana (Ibidem), os adultos matrísticos conviviam em harmonia, e cuidavam permanentemente de todos os aspectos da vida, **que eram de sua responsabilidade**. “O pensamento matrístico [...] ocorre num contexto de consciência da interligação de toda a

³⁰ [...] a educação na comunidade primitiva era uma função espontânea da sociedade, em um conjunto, da mesma maneira que a linguagem e a moral[...] da mesma maneira que nos parece evidente que uma criança não precisa ir a nenhuma instituição para aprender a falar, deve ser-nos não menos evidente que numa sociedade na qual a totalidade dos bens estão à disposição de todos, pode bastar a silenciosa imitação das gerações anteriores para ir-se levando até um mesmo fim comum as inevitáveis desigualdades nos temperamentos.

existência [...] no entendimento implícito de que todas as ações humanas têm sempre conseqüências na totalidade da existência.” (MATURANA, op. cit., p. 47). Até a sua vida mística revelava este pensamento, pois sua relação com “a deusa” não se baseava na hierarquia, mas sim na total aceitação de si e dos outros e isto incluía também a natureza.

Na visão de Ponce, que analisa o caminhar dos seres humanos desde a Antigüidade até nossos dias a partir de um enfoque materialista, a concepção de mundo do homem primitivo pode hoje parecer pueril, mas refletia o pouco domínio da natureza, bem como a organização econômica da tribo, que não conhecia hierarquias, tal qual as sociedades matrísticas descritas por Maturana. Nesta concepção de mundo, a criança aprendia o que devia ser, sugerido pelo seu meio social desde o nascimento.

Con el idioma que aprendían a hablar recibían una cierta manera de asociar o de idear; con las cosas que veían y con las voces que escuchaban, se impregnaban de las ideas y los sentimientos elaborados por las generaciones anteriores, se sumergían de manera irresistible en un orden social que los influenciaba y los moldeaba. Nada veían, nada sentían sino a través de las maneras consagradas en su grupo[...] el niño había recibido[...] el ideal pedagógico que su grupo consideraba fundamental[...] ¿En qué consistía ese ideal? En adquirir, hasta hacerlo imperativo como una tendencia orgánica, el sentimiento profundo de que no había nada, absolutamente nada, superior a los intereses y a las necesidades de la tribu. ³¹ (PONCE, 1986, p. 29-30)

Ponce prossegue explicando de que maneira a sociedade primitiva foi paulatinamente se transformando em sociedade dividida em classes, provavelmente pelo escasso rendimento do trabalho humano e pela substituição da propriedade comum em propriedade privada (PONCE, *Ibidem*).

La distribución de los productos, la administración de la justicia, le dirección de la guerra, la inspección del régimen de riego, etc., exigieron poco a poco ciertas formas

³¹ *Com o idioma que aprendiam a falar recebiam uma certa maneira de associar ou de “idear”; com as coisas que viam e com as vozes que escutavam, se impregnavam das idéias e dos sentimentos elaborados pelas gerações anteriores, se submergiam de maneira irresistível em uma ordem social que os influenciava e moldava. Nada viam, nada sentiam senão através das maneiras consagradas em seu grupo [...] o menino havia recebido [...] o ideal pedagógico que seu grupo considerava fundamental [...] Em que consistia esse ideal? Em adquirir, até fazê-lo imperativo como uma tendência orgânica, o sentimento profundo de que não havia nada, absolutamente nada, superior aos interesses e às necessidades da tribo.*

de trabalho social algo diferentes de trabalho propriamente material[...] La aparición, pues, de un grupo de individuos liberados del trabajo material era una consecuencia inevitable de la ínfima productividad de la fuerza humana de trabajo.³² (PONCE, op. cit., p. 32)

Aqueles que ficavam com a custódia de certos interesses sociais acabavam por ser investidos de algum grau de poder que aos poucos foi se transformando em verdadeira hegemonia.

Ponce destaca que as classes sociais que chegaram a ser consideradas “privilegiadas” começaram desempenhando funções úteis.

La íntima relación Del rey de Egipto con la agricultura nos demuestra cómo sus funciones derivaron en gran parte de la necesidad de centralizar el control de los riegos. Cuanto más se extendió la práctica de represar las aguas, más se debió acentuar la urgencia de un organismo que tuviera a su cargo la difícil misión de dirigir y controlar, pues la apertura de las compuertas a destiempo pedía hacer que las aguas descendieran antes de la saturación adecuada de los terrenos altos, y destruyeran, de pasada, las defensas a menor nivel. Tareas complicadas, sin duda alguna, que exigían una vasta experiencia y un exacto conocimiento del calendario solar.³³ (PONCE, 1986, p. 33)

Semelhante processo ocorreu com as práticas religiosas, que antes não careciam de deuses, mas agora necessitavam refletir o tipo de hierarquia que ia surgindo na sociedade.

Enfim, o controle do trabalho acaba por se separar do trabalho em si e as forças mentais, das forças físicas. Os que dominavam certos conhecimentos passaram a utilizá-los para criar, aos poucos, o que hoje chamamos ciência, cultura, ideologia (Ibidem).

³² *A distribuição dos produtos, a administração da justiça, a direção da guerra, a inspeção do regime de irrigação etc, exigiram pouca a pouca certas formas de trabalho social algo diferentes do trabalho propriamente material[...] O surgimento, pois, de um grupo de indivíduos liberados do trabalho material era uma consequência inevitável da ínfima produtividade da força humana de trabalho.*

³³ *A íntima relação do rei do Egito com a agricultura nos demonstra como suas funções derivaram em grande parte da necessidade de centralizar o controle da irrigação. Quanto mais se estendeu a prática de represar as águas, mais se acentuou a urgência de um organismo que tivesse a seu cargo a difícil missão de dirigir e controlar, pois a abertura das comportas no momento errado poderia fazer com que as águas baixassem antes da saturação adequado dos terrenos altos, e destruíssem, de passagem, as defesas em níveis mais baixos. Tarefas complicadas, sem dúvida alguma, que exigiam uma vasta experiência e um exato conhecimento do calendário solar.*

Na medida em que a produtividade do trabalho humano aumenta, este adquire valor. Aumenta a produção, aumenta a necessidade de pessoas para cuidar desse excedente. Os membros da tribo já não são em quantidade suficiente e, se antes os inimigos eram exterminados, agora são feitos escravos para trabalhar dentro da tribo: “Incorporar indivíduos extraños a la tribu para hacerlos trabajar dentro de ella, era ahora al mismo tiempo, necesario y posible.”³⁴ (PONCE, 1986, p. 35).

En la sociedad primitiva la colaboración entre los hombres se fundaba en la propiedad común y en los vínculos de sangre; en la sociedad que comenzó a dividirse en clases, la propiedad se hizo privada y los vínculos de sangre retrocedieron ante el nuevo vínculo que la esclavitud inauguró: el que engendra el poder del hombre sobre el hombre.³⁵ (Ibidem, p. 36).

Este relato de Ponce confirma as idéias de Maturana sobre a cooperação como característica fundamental das sociedades primitivas e a gradual transformação daquelas culturas, por meio da valorização de recursos que passam a ser objetos do desejo, criando as condições para o surgimento do emocional característico de nossa cultura contemporânea.

3.3 EM QUE SETORES DA VIDA HUMANA PODEMOS VERIFICAR A COOPERAÇÃO?

Abdalla (2004), Freire (1979) e Maturana (2004) concordam que a constituição de uma “nova racionalidade”, ou a “transformação da cultura” ou “estrutura social” ocorre ainda sob a hegemonia daquela que se deseja superar. De fato, vemos surgir iniciativas de grupos

³⁴ *Incorporar indivíduos estranhos à tribo para fazê-los trabalhar dentro dela, era agora ao mesmo tempo necessário e possível.*

³⁵ *Na sociedade primitiva a colaboração entre os homens se fundava na propriedade comum e nos vínculos de sangue; na sociedade que começou a dividir-se em classes, a propriedade se fez privada e os vínculos de sangue retrocederam diante do novo vínculo que a escravidão inaugurou: aquele que engendra o poder do homem sobre o homem.*

que buscam resolver seus problemas cotidianos através da prática da cooperação. Porém, mais importante que grupos lutando pela sua própria sobrevivência através da cooperação, sabe-se que há uma “contracorrente, ainda tímida, de emancipação em relação à tirania onipresente do dinheiro, que se busca contrabalançar por relações humanas e solidárias, fazendo retroceder o reino do lucro.” (MORIN, 2003, p. 73).

Essas iniciativas revelam mudanças no emocional que podem passar despercebidas para aqueles que se pautam pela “racionalidade burguesa”. O fato de haver pensadores debruçados sobre o assunto abre uma perspectiva importante para a transformação cultural, pois revela a tomada de consciência do seu papel no mundo, bem como de sua responsabilidade sobre as conseqüências de suas ações. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). O fato de tais iniciativas serem ainda tímidas não devem afastar-nos da busca dessa “nova racionalidade”, já que, como nos revela Maturana (Ibidem), as transformações culturais iniciam-se com mudanças “triviais” no emocional, que originam novas redes de conversações e novas formas de agir que, ao se conservarem geração após geração, geram a nova cultura.

4 TRANSFORMAÇÃO SOCIAL BASEADA EM “NOVA RACIONALIDADE”: POSSIBILIDADE OU UTOPIA?

Estruturas sociais existem em interação com outras estruturas sociais. Presentemente encontramos-nos com a existência de estruturas sociais que dependem de outras estruturas sociais (FREIRE, 1979). Este contexto não tipifica aquilo que identifiquei acima como meu “sonho”. Há que considerar, portanto, o que nos diz Freire:

Embora a verdadeira transformação de uma sociedade-objeto [dependente] tenha de ser feita por seus homens, por ela mesma, e não pela sociedade-sujeito da qual depende, objetivamente não é possível negar o forte condicionamento ao qual está submetida neste esforço de sua transformação.

Esta é a razão pela qual nem sempre é viável a quem realmente opta pelas transformações fazê-las como gostaria e no momento em que gostaria. Além do desejo de fazê-las, há um viável ou um inviável histórico do fazer. (1979, p. 55)

É possível a cooperação entre oprimido e opressor? Para responder a esta pergunta, é preciso antes definir dentro de que “racionalidade” nos estamos posicionando.

Não falo aqui daquela contribuição que certamente se verifica em condições extremas, não daquela que carece de um tsunami para se manifestar. Tragédias, catástrofes, não escolhem a quem atingir, não conhecem classes. Este fato, por si só, já deveria justificar a cooperação, no sentido apresentado neste trabalho. Entretanto, o que podemos observar nas imagens veiculadas pela mídia, tanto pela televisão, quanto em jornais e revistas, é um “salve-se quem puder”. Não raramente alguém tentará tirar proveito da situação, agindo de forma inumana ao saquear casas e estabelecimentos comerciais; ao tentar se beneficiar de maneira escusa na distribuição de alimento, agasalho e remédios etc.

O “salve-se quem puder” é um comportamento característico da cultura patriarcal, explicado pela “racionalidade burguesa”. Dentro desta cultura, a única possibilidade de

cooperação é aquela identificada anteriormente, que faz com que grupos juntem forças para derrotar outros, com base na segurança que têm de serem os detentores da “verdade”.

A resposta à nossa pergunta é, portanto, um sonoro Não! Pois para que haja cooperação genuína, não é possível haver hierarquias, classes, minorias, etnias etc.

É exatamente levando isso em consideração que reafirmo que este trabalho representa um movimento inicial, primeiro passo, expectativa de transição.

Até o momento em que uma realidade for vista como algo imutável, superior às forças de resistência dos indivíduos que assim a vêem, a tendência destes será adotar uma postura fatalista e sem esperança. (FREIRE, 1979, p. 58)

A passagem de uma época para outra caracteriza-se por fortes contradições que se aprofundam, dia a dia, entre valores emergentes em busca de afirmações, de realizações, e valores do ontem em busca de preservação. (FREIRE, 1979, p.65)

Como vimos, a competição é um fenômeno presente na área esportiva, na disputa pelo saber (concursos de ingresso nas universidades, por exemplo), nas relações profissionais etc. A exacerbação da competição – que impõe a negação do outro e recusa a partilha – que podemos notar nas relações profissionais é característica marcante destes tempos neoliberais, onde a necessidade de manter-se no emprego faz com que se perca a mais rudimentar noção de ética; onde os meios justificam os fins, desde que estes atendam às necessidades da corporação – alta produtividade, alta lucratividade, domínio do segmento de mercado ao qual pertence; onde o mercado é o deus supremo que dita normas, exige comportamentos e no qual o objetivo maior é o lucro. A consequência inevitável deste sistema excludente e inumano são os milhões de habitantes do planeta em condições miseráveis de vida, enquanto pouquíssimos detêm uma riqueza extraordinária.

Transformados em massa, esses seres humanos que vão sendo deixados à margem, entregues simplesmente à tarefa de sobreviver, já não podem desfrutar de qualquer emoção semelhante ao amor que lhes garantiria a condição (de seres humanos), mas tão somente lhes é possível aquele amor que lhes aproxima da condição de animais, que lhes satisfaz apenas as

necessidades fisiológicas e que, aliás, pode levá-los mais rapidamente à morte. Ou não são também nossas enfermidades resultado deste estilo de vida fora do amor?

[...] o amor fez de nós a classe de animais que somos como seres humanos. [...] também nos fez seres fisiologicamente dependentes dele, e assim suscetíveis a que sua perda altere o nosso bem-estar psíquico e somático. Por isso, a maior parte de nossas doenças, tanto psíquicas quanto somáticas, surge como resultado de diferentes interferências em nossa biologia no domínio do amor em distintos momentos de nossas vidas. (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 223)

Sabe-se, entretanto, que não é apenas na vida adulta que encontramos este cenário de competição, como se na infância tudo fosse um mar de rosas, onde somente a cooperação reinasse e todos pudessem compartilhar todas as coisas: seu alimento, sua roupa, seu teto, seus brinquedos, seus jogos, suas vitórias. Na verdade, é já nesse período que se é orientado para aquela entrada no mundo adulto onde, embora se diga que o importante é competir, na verdade o que se deseja é ganhar (e o ganhar representa a derrota do outro). Esta orientação se faz justamente porque a educação, mormente aquela realizada em instituições próprias, ou seja, a educação escolar, está diretamente vinculada ao mundo do trabalho, cuja característica marcante – mencionada anteriormente – é a competição. “De modo inconsciente, ensinamos nossas crianças a não amar, embora o amor seja a convivência nas ações que constituem o outro como um legítimo outro em convivência conosco.” (VERDEN-ZÖLLER in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 129)

Será que o problema não está justamente nesta contradição: que, enquanto se afirma que o importante é a competição, o que se deseja realmente é ganhar? Será que se superássemos o desejo, e, conseqüentemente, o discurso, as coisas não seriam diferentes? Será que, ao superarmos as noções de competição e vitória, a humanidade não teria a chance de descobrir um caminho diferente?

4.1 PAPEL DO EDUCADOR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Freire afirma que há alguns saberes indispensáveis à prática docente, “demandados pela prática educativa em si mesma, qualquer que seja a opção política do educador ou educadora.” (FREIRE, 1996, p. 23). O alvo de suas análises objetiva, entretanto, que tais saberes estejam comprometidos com a prática educativo-crítica, não estritamente pedagógicos, mas políticos e, ao mesmo tempo, envolvidos com a transformação social.

Ao observar o cenário de competição apresentado nos capítulos anteriores, e ao refletir sobre a cooperação como característica do ser humano – mais ainda, como princípio de uma outra racionalidade – o que se deseja é buscar caminhos para a transformação social. Por isso, há que considerar o primeiro saber fundamental apontado por Freire, que se refere à questão de o que é verdadeiramente ensinar. Sua afirmação de que “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (Ibidem, p. 25), conduz-me à idéia de cooperação, pondo em xeque a idéia de competição – por sinal já ganha – subjacente à crença de que ensinar é transmitir conhecimento.

Se “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa” (Ibidem, p. 26) na cooperação pode-se mais facilmente chegar a um aprendizado em que o aprendiz possa recriar ou refazer o ensinado, sem que lhe seja necessário “dar a volta por cima” de um ensino “bancário”, que deforma tanto a criatividade do educando quanto a do educador (Ibidem). Segundo o autor, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos **vão se transformando** em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, **ao lado** do educador, igualmente sujeito do processo”. (FREIRE, 1996, p. 29, grifo nosso).

Como seria possível dar-se tal aprendizagem em condições outras que não as de cooperação?

Em seu prefácio à décima sétima edição do livro *El árbol del conocimiento*, de Humberto Maturana e Francisco Varela, Behncke beira ao pessimismo ao afirmar que espera não estar vivo para assistir à (auto-) destruição a que o ser humano parece estar se dirigindo, mas afirma que ainda há tempo de fazer algo, mas o quê?

Behncke acredita que os cientistas sociais deveriam preocupar-se com o processo de aprendizagem social mais do que com qualquer outra coisa, uma vez que este conhecimento é de fundamental importância para entender a evolução cultural da sociedade e “nos permitiría guiar con más acierto nuestra evolución cultural y humana dado que ella nos haría comprender la naturaleza de la formación de una sociedad como conjunto, y nuestro rol individual en ella.”³⁶ (BEHNCKE in MATURANA; VARELA, 2005, p. X).

Sua preocupação é a possibilidade de encontrar um mecanismo efetivo para afastar a tentação do uso da força para provar que se tem razão pois, embora se fala muito em “unidade”, o que se produz é uma “feroz divergência”:

“¿existe acaso la posibilidad de qué podamos recurrir a algún mecanismo efectivo para el entendimiento social que nos permita alejarnos del pantano de arenas movedizas que es la tentación del uso de la fuerza para tener la razón?”³⁷ (BEHNCKE, Ibidem, p. X)

Segundo Maturana, a temporalidade da mudança cultural pode ser lenta ou rápida, mas só ocorre quando há uma modificação no emocional que assegura a conservação da nova rede de conversações que a possibilitou. Embora haja distintas condições históricas em cada caso, um aspecto sempre será comum: “a conservação do novo emocional deve ocorrer por meio **das crianças da comunidade.**” (MATURANA in MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004,

³⁶ nos permitiría guiar con más acerto nossa evolução cultural e humana, já que ela nos faria compreender a natureza da formação de uma sociedade como conjunto, e nosso papel individual nessa sociedade.

³⁷ existe, por acaso, a possibilidade de que possamos recorrer a algum mecanismo efetivo para o entendimento social que nos permita afastar-nos do pântano de areias movediças que é a tentação do uso da força para se ter razão?

p. 23, grifo nosso). Ou, como diz Abdalla, é preciso identificar os “germes de reconstrução da racionalidade, a partir de novas formas de produção da existência humana, e a possibilidade da afirmação histórica de uma nova civilização” (2004, p. 95). Uma nova racionalidade cujo eixo central não seja a competição.

A estrutura social na qual nos movemos como seres humanos comporta uma contradição: ela é, ao mesmo tempo, estática e mutável. Sem ser estática, não a conheceríamos. E sem ser mutável, não seria humana, pois é esta dinâmica que lhe confere historicidade (FREIRE, 1979). De acordo com Maturana, qualquer transformação cultural que se pretenda, ou, nas palavras de Freire, qualquer mudança na estrutura social, só pode ocorrer com a manutenção, geração após geração, de uma nova forma de viver como rede de conversações.

Isso acontece cada vez que uma configuração no emocionar – e portanto uma nova configuração no agir – principia a fazer parte da forma corrente de incorporação cultural das crianças de tal comunidade e estas aprendem a vive-la. (MATURANA in MATURA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 51)

É precisamente aqui que se dá a nossa possibilidade como educadores, como trabalhadores sociais. Temos que fazer nossa opção quanto à mudança da estrutura social que permitirá a humanização do homem ou à sua permanência. (FREIRE, 1979)

Nesta visão de trabalho pela mudança, portanto, dificilmente seria possível atuar senão pelo amor, pois o que se pretende é justamente a superação da manipulação, do cerceamento da liberdade, da fuga da comunicação franca – do conversar, nas palavras de Maturana. Superação de tudo isso que caracteriza a competição.

Mais do que nunca, é preciso ser otimista. Ter esperança é fundamental! Sabendo que a cooperação exige um árduo trabalho da razão e um espírito apaixonado (DIAS in ABDALLA, 2004), creio que a reversão da competição como característica dos nossos tempos a um comportamento cooperativo poderia alterar o curso de autodestruição da humanidade.

O tipo de economia vigente se monta sobre a troca competitiva. Tudo na sociedade e na economia se concentra na troca. A troca aqui é qualificada, é competitiva. Só o mais forte triunfa. Os outros ou se agregam como sócios subalternos ou desaparecem. O resultado desta lógica da competição de todos com todos é duplo: de um lado, uma acumulação fantástica de benefícios em poucos grupos; de outro, uma exclusão fantástica da maioria das pessoas, dos grupos e das nações. (BOFF in ABDALLA, 2004, p. 13-14)

Para conviver humanamente inventamos a economia, a política, a cultura, a ética e a religião. Mas nos últimos séculos o fizemos sob a inspiração da competição que gera o individualismo. Esse tempo acabou. Agora temos que inaugurar a inspiração da cooperação que gera a comunidade e a participação de todos em tudo o que interessa a todos. (BOFF in ABDALLA, 2004, p. 15)

Não há que pensar que qualquer tentativa em direção a uma “nova racionalidade” seja uma utopia. Afinal, como seres sociais, capazes de operar em consenso e de refletir conscientemente sobre os temas que nos afligem, podemos entrar no caminho Como-Um de cooperação que resgate o respeito mútuo através de um linguajar que corresponda a um novo (antigo) emocionar: o amor.

5 CONCLUSÃO

Com base na proposição de Maturana confirmada na narrativa de Ponce, pode-se afirmar que a cooperação, e não a competição, foi o domínio de ações que possibilitou a vida em proximidade, em aceitação e respeito mútuos, característica do modo de vida dos povos primitivos que possibilitou o surgimento da linguagem. Esta, por sua vez, permitiu que o modo de vida daqueles povos se conservasse, dando origem a uma cultura onde todos cooperavam entre si para a provisão de alimentos, o cuidado das crianças e todos os demais aspectos da vida cotidiana de então.

Como vimos antes, esta convicção contraria as teorias evolucionistas, que preconizam que os seres humanos competem por uma questão de sobrevivência – devido à escassez de alimentos – e por uma questão de seleção “natural” (intra)-espécie: vence o melhor, o mais capaz, o mais bem dotado. Como consequência desta visão de mundo, desta “racionalidade” que explica a cultura em que estamos inseridos, a competição é o princípio valorizado e incentivado a todo custo, ainda que, como resultado, caminemos para a auto-destruição.

Ora, se competir é uma questão cultural e a linguagem, ou o “linguajar”, tem sua participação fundamental nos processos inerentes à cultura, talvez se possa afirmar que chegamos ao atual estágio da humanidade, compelidos por discursos que foram se alterando à medida que o processo descrito por Aníbal Ponce foi ocorrendo, até chegarmos ao atual momento histórico, que os neoliberais gostam de pensar ser o fim da história. Não é a competição a marca mais evidente das relações humanas contemporâneas?

Entretanto, esta competição, longe de garantir recursos para todos, acaba por lançar em condições miseráveis a estarrecedora maioria da população mundial, além de conduzir à destruição do planeta. É por isso que sonho com a reversão desta situação, e creio ser possível fazê-lo também pela educação, através de propostas de cooperação, que culminem

com o resgate do amor, como uma proposta de liberdade, como um fenômeno social, como con-vivência, co-munhão, união na diferença. Esta convicção longe está, entretanto, de ser uma convicção ingênua. Conquanto a educação não possa sozinha alavancar a transformação da sociedade, é necessário que o educador se disponha a perceber as possibilidades coletivas de ação social e cultural, a propor alternativas, não se limitando a observação passiva.

Talvez seja necessário admitir – relutantemente – que a cooperação entre seres humanos – deixando de lado classes, etnias, religiões, fronteiras – exigiria um longo percurso, trabalho extenuante, infinitamente mais que boas intenções etc. Mas é preciso igualmente estar disposto a dar o primeiro passo, a menos que se opte por aceitar o fatalismo do fim da história. Este esforço inicial poderia muito bem caracterizar uma época de transição, pois “não há transição que não implique um ponto de partida, um processo e um ponto de chegada. Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje.” (FREIRE, 1979, p. 33)

Caminhar na direção de uma transformação social é o mesmo que fazê-lo na direção de uma transformação cultural. Isto requer vontade, mas também – e principalmente – requer conhecimento sobre como nós, seres humanos, chegamos a nos organizar em sociedade. Com base neste conhecimento, então, torna-se possível orientar nossas ações – nossas conversações – por um emocional diferente – mas não novo –, que revela a nostalgia inconsciente pelo que fomos em nossa origem: cooperativos, amorosos, conscientes de nossa responsabilidade no mundo, sujeitos de nossa própria história.

Acredito que a educação pode incentivar as condições para que um novo emocional, orientado para o outro, não somente para si mesmo, possa emergir. Acredito que há ações objetivas que podem ser tomadas para que, desde a tenra infância, as crianças aprendam a mudar o rumo da conversa na direção da cooperação que conserve o outro, instaurando um novo modo de vida – uma nova conversa que reverta pouco a pouco a já velha conversa da

competição que, se não superada, levará inevitavelmente à destruição do outro e, então, já não haverá necessidade de linguagem.

Neste sentido, revela-se a nossa responsabilidade como educadores, quer atuando como pesquisadores buscando o conhecimento sobre como nós, seres humanos, chegamos a nos organizar em sociedade, conforme dito antes, ou em nossa prática em sala de aula, atuando junto às nossas pequenas crianças, que vêm para o espaço escolar cada vez mais cedo. Este fato, que reflete o afastamento das crianças de suas mães e pais por estarem imersos na cultura da competição – ou na “racionalidade burguesa” – não transforma os educadores em mães e pais substitutos, mas coloca em nossas mãos a possibilidade de estender a vivência de nossas crianças em total aceitação, em inclusão, em respeito mútuo. Em cooperação, enfim, que só pode acontecer quando estas condições – aceitação, inclusão, respeito mútuo – são alcançadas. E que, ao serem conservadas geração após geração – darão origem a uma nova cultura. Para isso, o espaço escolar é um espaço privilegiado, pois ali as crianças estarão interagindo e experimentando os diversos domínios de ações e a aquisição da linguagem, que é o que diferencia os seres humanos de outros animais, estará ocorrendo.

Se pretendemos atuar responsabilmente, após reflexão consciente, sobre a construção de nossa história, precisamos começar por entender que nosso mundo é o que é também como resultado de nossa própria atuação nele. Assumir uma postura cooperativa não é uma questão de “conversão a uma nova religião”. É uma questão de vontade. Requer esforço. Requer que entendamos que não estaremos prescrevendo uma forma de conduta a outros que nós mesmos não estamos dispostos a assumir, por estarmos perfeitamente acomodados e conformes com a “racionalidade” vigente.

“É necessário, porém, que o trabalhador social se preocupe com algo já enfatizado nestas considerações: que a estrutura social é obra dos homens e que, se assim for, a sua transformação será também obra dos homens. Isto significa que a sua tarefa fundamental é a de serem sujeitos e não objetos de transformação. Tarefa que lhes exige, durante sua ação sobre a realidade, um aprofundamento da sua tomada de

consciência da realidade, objeto de atos contraditórios daqueles que pretendem mantê-la como está e dos que pretendem transformá-la.” (FREIRE, 1979, p. 48)

Como disse na introdução deste trabalho monográfico, não há que se esperar menos que uma revolução. Revolução sim, porque, de que adiantaria abandonar os comportamentos próprios de nossos tempos, justificados pela “racionalidade burguesa”, se não se pudesse provocar no mínimo uma grande revolução? Uma revolução que nos conduzisse a um caminho Como-Um.

BIBLIOGRAFIA

ABDALLA, Mauricio. **O princípio da cooperação**. Em busca de uma nova racionalidade. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

ANDERSON, Perry. **O fim da História**. De Hegel a Fukuyama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1975.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. 22. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ISKANDAR, Jamil I. **Normas da ABNT comentadas para trabalhos científicos**. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2005

MALTHUS, Thomas. **An Essay on the Principle of Population**. An Essay on the Principle of Population, as it Affects the Future Improvement of Society with Remarks on the Speculations of Mr. Godwin, M. Condorcet, and Other Writers. Londres. 10/8/1997. Disponível em: <<http://www.ac.wvu.edu/~stephan/malthus/malthus.0.html>>. Acesso em: 06/08/2005

MARTINS, Rodolpho. **Inclusão na Cooperação**. Disponível em: <<http://www.projetocooperação.com.br>>. Acesso: em 24/04/2005.

MATURANA, Humberto R.; DÁVILA, Ximena. **Lenguaje y realidad: El origen de lo humano**. Educación. Matriztica.org. Instituto de Formación Matriztica. Disponível em: <<http://www.matriztica.org/htdocs/educacion.lasso>>. Acesso em 16/05/2005.

_____; VARELA G, Francisco. **El árbol del conocimiento**. Las bases biológicas del entendimiento humano. 17. ed. Santiago de Chile: Editorial Universitaria, S. A. 2005.

_____; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**. Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athenas, 2004, p. 29-115).

MEAGHER, Thomas R (Org.). **Evolução, Ciência e Sociedade**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Genética, 2002. Disponível em: <<http://www.icb.ufmg.br/~lbem/aulas/grad/evol/evolciencsoc.pdf>>. Acesso em 27/8/2005

MORIN, Edgard. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2003.

PAULA, Erico Lopes Pinheiro de. **Fundamentos biológicos da mente e do conhecimento e suas implicações nas ciências humanas.** Araraquara, 2001. Monografia (Bacharelado de Ciências Sociais). Faculdade de Ciências e Letras da Universidade “Júlio de Mesquita Filho”. Disponível em <http://www.naya.org.ar/congreso2002/ponencias/erico_lopes.htm>. Acesso em: 24/4/05.

Polêmica na sala de aula, A. **Galileu**, Rio de Janeiro, n. 171, out.2005

PONCE, Aníbal. **Educación y lucha de clases.** 8. ed. Cidade de México: Editores Unidos. 1993.

PORTER, Michael E. **Competição = On competition : estratégias competitivas essenciais.** Rio de Janeiro: Campus, 1999

PRAZER da Vitória, O. Instinto Humano. Fantástico. 6/3/2005. TV Globo, 2005. Disponível em: < <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/Fantastico/> >. Acesso em: 2/5/2005.

SANTOS, Fabrício R **Precursos de Darwin.** Cronogramas de Aulas – Evolução – Ciências Biológicas. UFMG. 2º semestre 2005. Disponível em: < <http://www.icb.ufmg.br/~lbem/aulas/grad/evol/precurs1.html> >. Acesso em: 27/08/2005.



UNIRIO

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II

ALUNO(A) : ROSANGELA PIRES DE OLIVEIRATÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO : UM CAMINHO COMO-UMSuperando a Cultura da CompetiçãoORIENTADOR : Profa. Antônia Pincano

FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL

Primeiro avaliador :

Professor convidado:

Profa. ~~Luiza~~ Angela MartinsNota : 10,0 (DEZ)

Considerações:

O trabalho de Rosângela apresenta uma ótima sistematização de ideias e fundamentação teórica. Está com uma estrutura escrita excelente. O tema desenvolvido é

questão da cooperação é de grande relevância para o mundo contemporâneo, guiado pela competitividade da lógica capitalista. Pela relevância do trabalho, consigo-ly nota 10,0 (dez.). Olli.

Segundo avaliador :

Profa. Antônia Pincano

Professor orientador : _____

Nota: 10,0

Considerações:

As reflexões reunidas na menção de Rosângela Pires de Oliveira espelham alguns dos desafios que a sociedade brasileira precisa enfrentar, não de ser visto, mas no sentido de desenvolver regras instabilizadas e promover a transparência de nossa realidade.

As ideias foram alinhavadas com apuro e o trabalho segue os requisitos de um estudo científico. Juliana Pincano

Terceiro avaliador :

Profa. Ligia Martha

Professor da disciplina Monografia II: _____

Nota : 10,0

Considerações:

Contém os principais elementos de uma monografia.

Llll

RESULTADO FINAL

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
10	10	10	30	10,0

Rio de Janeiro, 27/01/2006

ROSANGELA PIRES DE OLIVEIRA

(NOME DO/A ALUNO/A)

QUADRO RESUMO - ORIENTAÇÕES

Mês SETEMBRO / 2005

Dia	23/9	30/9		
Observações	19:00	20:00		
Professor	ABP	ABP		
Aluno	Rosângela	Rosângela		

Mês Outubro / 2005

Dia	07/10	14/10	21/10	28/10
Observações	20:00	20:00	20:00	20:00
Professor	ABP	ABP	ABP	ABP
Aluno	Rosângela	Rosângela	Rosângela	Rosângela

Mês Novembro / 2005

Dia	4/11	11/11	16/11	18/11
Observações	20:00	20:00	20:00	20:00
Professor	ABP	ABP	ABP	ABP
Aluno	Rosângela	Rosângela	Rosângela	Rosângela

Mês _____

Dia				
Observações				
Professor				
Aluno				